

RODRIGO LEVINO

AOS PEDAÇOS.



Rodrigo Levino

AOS PEDAÇOS.

Natal
2006

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Rodrigo Galvão

REVISÃO

Pilar Fazito

CONTATO

rodrigolevino@yahoo.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA

Pra Tatit, que é abraço.

“Tire o seu sorriso do caminho,
que eu quero passar com a minha dor.”

Guilherme de Brito

“A página em branco
é um lençol estendido
entre a memória e o esquecimento.
Minto. Sinto. A página
é uma dor em branco. E só.”

Nei Leandro de Castro

apresentação	15
nota da revisora	19
crônicas	21
abraços	22
agudos	24
ainda, cartas...	26
al dente	28
almofadas	30
amantes	32
areia	34
atrasos	36
banheiros	38
bares	39
bilhetes	40
blá-blá-blá!	42
brechas	44
buscas	46
cais	48
caixas	50
cartas e mais cartas	52
cartas nunca entregues	54
casa comigo?	56
castanhos	58
cenas	60

<u>certezas</u>	61
<u>idades</u>	63
<u>coisas</u>	65
<u>colossal</u>	66
<u>das cartas</u>	68
<u>delirium</u>	70
<u>demais</u>	73
<u>domingos</u>	75
<u>dores</u>	77
<u>drásticos</u>	80
<u>edredon</u>	82
<u>ela mesma</u>	84
<u>escadas</u>	86
<u>espaços</u>	88
<u>extremos e lâminas</u>	90
<u>falta</u>	92
<u>flores</u>	94
<u>fome</u>	96
<u>fortuitos</u>	98
<u>fugas</u>	100
<u>gim dry</u>	104
<u>guardanapos</u>	106
<u>idas</u>	108
<u>il gato blu café</u>	110
<u>kisch</u>	113
<u>lábios</u>	115

<u>leilões</u>	117
<u>letteras</u>	119
<u>livre</u>	121
<u>luz negra</u>	123
<u>macios</u>	125
<u>manhã de domingo (ou amor e neruda)</u>	127
<u>mantras</u>	130
<u>medo</u>	132
<u>mínimo</u>	134
<u>nada disso te interessa</u>	136
<u>o amor nem sempre é trágico</u>	138
<u>o amor tem dessas coisas</u>	140
<u>o amor tem dessas coisas II</u>	142
<u>o amor tem dessas coisas III</u>	144
<u>outro tempo</u>	146
<u>partidas</u>	149
<u>pausas</u>	151
<u>pés</u>	153
<u>poeira</u>	155
<u>poema de sábado-noite</u>	157
<u>poetas</u>	158
<u>rabisco</u>	159
<u>reticências</u>	161
<u>roteiro de um curta-metragem</u>	163
<u>rotina</u>	164
<u>saloon</u>	167

sepulcros	169
shot gun	171
sinatra	172
só por ela	174
tangos	175
tempo	177
última carta	179
una lettera	181
versos	183
volúveis	185
Bônus Track	187
Sono	188
Lentes	190
Músicas	192
Folia	194
Manifesto Jovens Escribas	197
Tranca Carneiro (Pilar Fazito)	200

Eu não entendo nada!

Conheci Rodrigo Levino de um modo pouco usual para um sujeito da minha idade: através da internet. Entre a enorme quantidade de mensagens, letras de música e textos que me enviam, um especificamente me chamou a atenção. Não me lembro exatamente a qual texto me refiro, pois a minha memória é traiçoeira e eu, desastradamente, deletei muito mais coisas do que deveria. Mas o fato é que o texto em questão me intrigou. Imediatamente, quando o li, percebi que se tratava de alguma coisa extremamente pessoal, particular, melhor dizendo, apaixonal.

Sua mistura de linguagem coloquial recheada de imagens prosaicas logo me remeteu a um roteiro de um pequeno filme. A situação ali descrita tinha tanto uma quantidade grande de elementos substantivos e palpáveis quanto uma carga intensa de sugestões subjetivas e emocionais. Eu me identifiquei. Parecia uma linguagem familiar, semelhante em muito ao que eu mesmo escrevo e componho. daquelas coisas que você lê e, imediatamente, pensa: parece que ele está falando de mim. Ou será que ele está falando por mim? De qualquer modo, acho que o que ele está falando se parece comigo. Eu gosto de coisas assim. Entendo essas coisas e me empolgo.

Coisa rara de fazer, respondi para o endereço do rapaz desconhecido que me enviara tal surpresa e assim ficamos. Meses depois (ou será que foram semanas?), recebo uma outra mensagem e iniciamos uma correspondência. Eis que então surge o inesperado convite desse ilustríssimo desconhecido meu para que eu escrevesse um prefácio, uma orelha, uma apresentação para o seu futuro e primeiro livro. Obviamente, precisei perguntar a ele qual o sentido de tamanho disparate. Escrevo letras de música, pequenos artigos para o caderno de esportes de um conhecido jornal, mas sou um mau leitor.

Diante da insistência do meu interlocutor, aceitei a tarefa de ler seus textos para poder dizer se me sentiria apto. Puro pretexto para dissuadir o jovem escritor desse desatino. O meu insensato e insistente literato me mandou um calhamaço de pequenas crônicas/contos que me encheu de espanto e assombro. Estava diante de algo que me tocava e me comovia. Que eu entendia e que se parecia com aquilo que eu gostava de ver, ler ou até mesmo escrever. Saboreei uma a uma as páginas repletas de situações sutis, libidinosas, lascivas e lancinantes. “Tudo que ela menos quer na vida é ser feliz para sempre”. “Ele busca efeitos sejam quais forem os caminhos necessários”. Eu me reconheci e, para minha surpresa, reconheci lá algumas frases de minha autoria.

O que Rodrigo escreve, descreve as sensações de todos os nossos sentidos. É como música que nos envolve, embala e dispara nossos corações. Cigarros fumegantes, dedos circulando o gelo no copo, corpos despídos, espíritos imperfeitos se debelando no caos de seus desejos. Sexo feito e – muito mais escaldante! – sexo não realizado.

Sou fã dos pensamentos obscenos, dos movimentos incertos, dos dedos coçando os joelhos. A nudez solitária diante do espelho. A nudez do telefone em silêncio. E o

medo de sermos vulgares. Somos todos solitários e nos unimos na imensidão de nosso fingimento. Tudo o que eu sei sobre o mundo, sobre ela, sobre mim mesmo veio dessa forma: em pequenas cápsulas de clarividência, em rompantes de sinceridade, em escandaloso sofrimento. Somos exatamente aquilo que não queremos: iguaizinhos aos vizinhos, completamente frágeis e fáceis. Basta alguém nos querer, basta alguém nos entender. Eu entendo o Rodrigo porque ele entende o que eu sinto: eu não entendo nada!

Nando Reis

A revisão deste livro respeitou o estilo coloquial do autor e seu desejo de manter algumas dissonâncias em relação à norma culta. (P.F.)

CRÔNICAS

Ele repousa os ouvidos no tilintar do gelo no copo de vodka e tenta encontrar algum traço em suas mãos que lembre algo da pele dela.

Num lance rápido de vista, quando consegue reparar algumas das muitas pessoas ao seu redor percebe o quanto está sozinho. Talvez o faça tentando justificar a solidão, como se sobrevivesse disso.

Gosta de roubar vidas e rostos e transformá-los em pequenos roteiros de cinema que não durariam mais que três ou cinco segundos. E o amontoado disso é o que remedia suas insônias incuráveis que atravessam a madrugada entre fartos goles de café forte e vídeos de cinema mudo.

Ao início de cada manhã, exercita o costume de contar as pontas dos cigarros para certificar-se de que continua cada vez mais dependente dela e que trocaria todos os pequenos textos por um poema diário para presenteá-la, mesmo que falando das coisas mais bobas possíveis.

Não costuma achar que é tarde demais, mas a sensação de ver o tempo correndo à sua frente às vezes o deixa profundamente necessitado de um abraço aconchegante. Por causa disso, acha que tem até as marcas dos braços dela no seu tronco. Mesmo que isso nunca tenha ocorrido.

Ri baixinho enquanto espera debaixo do chuveiro uma água morna que lhe traga calma. Lembra das inúmeras bobagens de amor que pensou em dramatizar pra mostrar o quanto gosta dele.

E ela, junto dessas blusinhas azuis de malha fina, traz quase sempre sobre o corpo a ansiedade de uma nova paixãozinha que mete medo. Sonha em ter uma “relação aberta”, mas sabe que é bem possessiva. Não quer arriscar.

Continua a rir ao sair do banho. Agora pensando numas listas, tipo *top 10*, de perversões sexuais que jamais confessaria a analista mais impessoal.

Já no quarto, dispensa a toalha e dança nua uma dessas baladinhas perfeitas, “o amor é o calor” e tal. Sente um frio na barriga que pertence à sua adolescência. Estranho isso.

Tem medo de que ele se atrase para o encontro e pior: que esqueça.

Não consigo me concentrar no caos. Tua calma prevalece no meu pensamento. Dia desses nos cruzamos nalguma rua. Só eu percebi. E vi você se afastando cada vez mais, no meio de tantos carros e rostos indiferentes. Segui até onde os olhos puderam alcançar.

Cara, eu fico espalhando lembretes pela casa, pra te mostrar uns versos que achei interessantes, uma música que é a sua cara. Cerco-me de você, tentando iludir a distância. Mas acabo como sempre. Depois de horas vagando pelas ruas à meia-luz, só me resta mais uma crônica.

Talvez eu te ligue num fim de tarde desses qualquer. Pra desejar um resto de dia feliz. Bom, pelo menos você tem

a garantia de que coisas estranhas assim só podem ser do meu feitio. Não deixa de ser também uma forma de você absorver afeição. Afeição é bom.

Eu sei que nossos mundos são completamente diferentes. Eu aqui interessadíssimo em bandas novas do interior da Escócia e filmes de diretores “lado B”, enquanto você se desdobra numa vida mais real. Isso sempre conta muito. Mas é isso. “Borboletas são flores que aprenderam a voar”. Eu ainda não sei dançar tão devagar, pra te acompanhar.

Gosta de andar descalça em dia frio, usando um mo-
leton surrado e uma calcinha de algodão *idem*. Cabelos
soltos. Sempre. Diz que ama: perfumes masculinos,
bibelôs de bambu, New Order, Bocage e creme hidra-
tante com extrato de semente de uva verde. Quer fazer
ioga, mas não consegue acordar cedo.

Mignon. Gosta da palavra *mignon* e de repeti-la en-
quanto acaricia os pêlos pubianos despretensiosamente
ao som de Massive Attack. Espiritualista com ressal-
vas; gostaria de crer num Deus que sorrisse com mais
frequência. Quem sabe a mesma frequência com que se
esbalda em potes de tomate seco.

Pornográfica. Pornofônica. Isso tudo devidamente dis-

farçado num pudor bem humorado e automaticamente ativado por estímulos etílicos. Tudo o que ela menos quer na vida é ser feliz para sempre. Quer estar angustiada na terça. Eufórica na sexta. Alegre no sábado. E se sentido a pessoa mais sozinha num domingo qualquer.

E assim por diante.

Dentro de um leve vestido de algodão verde-paz, sem nada por baixo, e os cabelos ainda molhados do banho, ela se acomoda entre as almofadas de sua sala vazia.

Tenta com os dedos encontrar um limite entre o próprio corpo e o cheiro dele impregnado nos pêlos ralos. Os pés frios parecem querer desmentir o calor do lábio inferior levemente guardado entre os dentes.

Faz fotos de si mesma, querendo captar as pequenas mudanças que devem acontecer no seu rosto enquanto o peso do corpo dele se encaixa no seu pensamento.

Não recorda uma vez sequer que tenha entrado na vida de alguém como uma simples visita. Escreve letras para

boleros que devem ser tocados por um *bandoneon*.
“Nana cai-me bem”.

Adormece nua, com o sexo aconchegado entre as coxas fechadas sem muita força e uma lágrima solitária secando antes de desaguar na boca e deixar aquele gosto estranho de sal e suor.

Deitada de bruços na cama com as ancas voltadas para janela, segura um cigarro com mais da metade em cinzas que serão derramadas sobre o carpete. *“El destino de abril...”*. Sente as pernas ainda trêmulas e um gosto de dúvida na ponta da língua como se fosse café amargo. A outra veste-se ao lado, em silêncio.

Às vezes, acha ruim desafogar o desejo numa cama pessoal de motel no intervalo do trabalho, com beijos pagos pelo pouco de culpa por pensar que está traindo o noivo. Ou seria a si mesma? Não importa. Pouco importa. Isso passa.

Acaricia os próprios cabelos ingenuamente como se quisesse, além de gozo, um colo materno. Mas a hora

corre. Não há tempo para maiores sentimentalidades nem silêncio suficiente para deter-se no olhar sincero da amante.

Não há diferenças, gêneros ou coisas que possam ser divididas em classe. Há corpos. Ela gosta de corpos e corpos que tragam prazer e um abraço confortável, com as mãos cravadas nas costas largas e brancas e dedos que corram por seus mamilos.

Hoje, a outra tem cabelos curtos, nariz adunco e porte forte como deve ter toda chefe de setor burocrático. Amanhã quem sabe, quando isso findar, ela se apaixone por um tímido escondido atrás de lentes grossas míopes e que adora sentir seu cheiro quando sai do banho.

Às vezes, voltando do trabalho pela via costeira, tinha a impressão de que diante de todas as coisas do mundo, ele podia viver com apenas três delas. Um livro. Um disco. E ela.

Quando se olha no espelho, pensa que não é nada além do reflexo de seus sentimentos. Um doce infame.

Na luz de cada dia, uma soma de obsessões renovadas, pois viver é mais importante que ser feliz. Ser feliz para sempre deve ser um saco.

Ela, mesmo sem entender, não questiona a satisfação dele quando fixa os olhos atentos nos detalhes dos seus seios. Ele tenta ser minimalista criando um mundo só

seu em pequenos espaços alheios.

Recita versos de Córtazar para evitar que o ódio entre pelas brechas de sua alma. Ele viu *as melhores mentes de sua geração destruídas pela loucura*.

Por isso, prefere a quietude dos pés dela um no outro quando a areia da praia se põe entre os dedos.

“De cada amor tu herdarás só o cinismo”. Quando o Dapieve lançou seu último romance, eu sequer podia imaginar que os versos de Cartola seriam o retrato de nossa história.

Você, um pouco desconsolada por saber que toda aquela culpa era só uma representação barata de um teatro infantil. Até pude sentir seu corpo amolecido como os dessas musas de dramalhão mexicano.

E eu aqui de bobo, tentando dar um pingão de decência a essa minha dor vagabunda. Entupo-me de livros e anarquias inúteis pra não cair na certeza de tempo perdido. Isso me assusta.

O resto é o de sempre. Cigarros baratos e novos velhos vícios discos ruídos agendas de telefone cheias de pessoas sem a mínima graça. A dor maior do fim é esse atraso que bate no tempo. Mas passa.

Inflamável. É assim que ela gosta de ser chamada após entornar a oitava ou décima taça de vinho. Barato que seja. Nunca importa. Ele busca efeitos, sejam quais forem os caminhos necessários.

Não encontrou, até hoje, um ombro em que ousasse descansar por mais que alguns dias. Muito mais por destino que por escolha.

Vez por outra, inflama-se de solidão e vagabundeia horas seguidas à procura de migalhas. Claro que em segredo. Porque a farsa é sempre um vício confortável.

Hoje, cruzou com um rapaz interessante. Não belo, mas com um sorriso malicioso. Ela adora banheiros de repartições públicas.

Cruzou o salão apressado, mas a tempo de perceber um olhar cínico em sua direção. Chet Baker, *I Waiting for You*. Ao voltar do banheiro, encostou-se no balcão e pediu um duplo sem gelo. O drink demoraria cerca de 18 segundos para estar em suas mãos. Tempo suficiente para procurar com seus olhos a dona do olhar cínico.

É interessante perceber o desconcerto de certas mulheres quando pegas desfiando seu desejo em forma de olhares fortuitos. Ele riu. Ela desviou o rosto e procurou, desajeitada, um cigarro para ocupar as mãos, já que os olhos eram puro flagrante.

O instante. Alguns segundos de olhares cruzados e dois sorrisos no canto da boca de cada um. Sinais. Mexe nos cabelos. Morde os lábios. Vem.

Vem em direção ao balcão. Agora sem o desconcerto do flagrante. Apenas o desejo latente. *Glory Box*.

Com as nuvens correndo sobre sua cabeça e os olhos encolhidos por causa do sol que invade a cidade nos últimos meses do ano, ele a vê passar todas as tardes sozinha.

Os braços cruzados sobre a ponta dos joelhos e a roupa colada no lado esquerdo do corpo por causa do vento um pouco forte são como um portão de madeira muito pesado que o impede de assaltar os passos lentos dela. E saber seu nome. E pedir desculpas por estar sendo invasivo. Mas é que há dias não tem pensado noutra coisa a não ser não perder a hora que ela passa na praia, sozinha.

Será que ela conhece os Cowboys Junkies?

Ps.: Hoje, ela conta pros filhos que jura que tentou não dar bola pr'aquele cara estranho que todos os dias a observava, caminhando sozinha na praia. Mas que, por deus, não pôde resistir aos bilhetinhos colados em varetas fincadas na areia ao longo de vinte metros, cheio de amenidades curiosas sobre a cor dos seus olhos.

Dois livros de Bukowsky em cinco dias e três insônias. Uma dezena de carinhas com quem havia transado na primeira noite. Seis deles no banheiro de sua boate preferida. Uma coleção de cigarros baratos comprados em rodoviárias e cigarreiras de beira de estrada. Recordações das suas incontáveis fugas em busca de si mesma. Origami. Kirigami. “Apertar” cigarros. Seios nus no teatro arena. Sexo grupal com José Celso Martinez Correia. Foi.

Tudo de uma só vez. Passando como se fosse um vídeo-clipe do Radiohead. “*In your head*”. Fixação por janelas cegas. Dessas casas antigas que são abandonadas e os donos tapam com tijolos impessoais os enormes vãos. Um gosto apurado por mamilos. Mamilos. Pra ela, quase uma obra de arte. Não gosta de bichos. Mas adora

sapatos. Prozac duas vezes ao dia. Itamar Assumpção sempre antes de levantar.

Não gosta de relógios. Odeia telefones. Telefones servem pras pessoas que estão longe. *“Se você está perto, por favor, venha até minha casa. E a gente ri um pouco enquanto faço um bolo de chocolate. Se não pode fazer isso, por favor, não precisa me ligar...”*. Ópio com vodka. Flores amarelas num jarro tímido no chão, logo quando você abre a porta. Gosta de portas entreabertas. De roupas entreabertas. De pernas abertas.

Isso tudo dentro de uma tentativa frustrante de se adequar aos padrões ocidentais-judaico-cristãos-medievais de culpa matrimonial e todo esse blá-blá-blá imbecil de “felizes até que a morte nos separe”. Esqueceram que também se morre em vida.

”Minha casa é o mundo. Entenda. Se quiser. Ou exploda. Mas eu não. Cansei. Cansei do seu mundo pequeno, onde eu parei por puro cansaço. Não me apareça com bons argumentos. Enfie todos onde você achar mais excitante. Os problemas são os livros? Afogue-se tentando decorar os versos de Baudelaire que eu já sei cor e salteado. Adeus.”

Odeia. Odeia quando ele deixa cabelos no sabonete e a escova de dente no mesmo potinho das escovas de cabelo. Não suporta o cuidado desmedido que ele tem com umas canecas horrorosas em cima da estante da TV. Brega de doer.

Não sabe o que faz para colocar na cabeça dele que ele precisa ser mais responsável e não deixar que suas contas atrasem por pura preguiça de ir até uma casa lotérica e enfrentar uma fila de 15 minutos.

“Tudo bem, tudo bem. Eu até admito que você queira colar no teto da sala todas essas fotos de janelas cegas, tapadas com tijolos, mas pelo amor de deus não tente me convencer de que isso é pura arte.”

Ele esquece todas as datas possíveis. Diz que nunca foi bom com números. Prefere decorar a quantidade de sinais que ela possui nas coxas. Até agora, só acertou uma vez o seu chocolate preferido nesses cinco anos e pouco de casados.

Mas ela não resiste quando ele diz, depois de fazerem amor, que a única coisa que descansa o seu corpo-porto são seus cabelos revoltosos. É o amor ocupando todas as brechas.

Alguns dias sem vê-la. Era mais ou menos como se ele tivesse abaixado pra amarrar os cadarços. Depois, voltaria a por os olhos na estrada que se desenhava bem solitária.

Tenta fechar o tempo em pequenos frascos de comprimidos, enquanto se derrete ouvindo velhas canções francesas.

Mas o tempo não cabe na palma da mão e foge levando seu sono e o cheiro dela, que ficou marcado nas nervuras do lençol.

A pele dela sempre o intimidou. O modo como ela cruzava as pernas despretensiosamente, deixando na boca dele uma espécie de sede, o torturava.

A tortura das lembranças quase reais de tão vivas.

Mas o tempo corre e não perdoa tropeços. Ele levanta os olhos, e ao som de Peter Gabriel, segue em busca de novas ilusões em forma de olhares femininos.

E porque são todos os cais portas abertas para um mar de solidão, ele tem dedicado seus fins de tarde a espera dela.

Deixa que a água venha e invada seus pés e tome suas pernas como se lavasse, com isso, as decepções de uma alma que ama.

Esconde entre dobras do vento as lágrimas que fogem dos seus olhos. Sente a punhalada forte e lenta da saudade e, por causa disso, faz das mãos o próprio abrigo. Conserva no peito o lugar que é do rosto dela e a disciplina desse amor não o deixa naufragar.

O desejo corre solto por sua pele e cada poro é uma porta aberta até que ela adentre seu mais íntimo segredo.

Porque é com segredos que se alimenta um grande amor. E ele sabe que, mesmo que ondas revoltas se arremessem contra o cais que cumplicia sua dor, o sentimento é um barco que jamais naufraga.

Por isso, espera e não se cansa.

Ele odeia a sensação de que as pessoas estão vigiando seus passos entre as prateleiras da livraria, e pensando no quanto ele é legal e inteligente e interessante. Mesmo assim, não encontra alguém com quem possa dividir um litro de vinho numa noite de sexta-feira acabrunhada.

A última pessoa pra quem ele deixou fragmentos de Leminski, escritos à mão em papeizinhos amarelos de post-its, achou que ele era estranho e um pouco amargo e que isso acabaria deixando-a igualmente amarga, quando na verdade ela não conseguia entender sua forma pouco convencional de dizer que ama.

Com um fone de ouvidos e um velho livro de poemas ingleses, volta-e-meia ele se flagra emocionado em pleno metrô, que cruza a cidade e o leva de volta ao

seu mundo, de quarto e sala e discos milimetricamente organizados por estilos musicais do tipo lágrimas, sorrisos, solidão, suicídio, saudade e sono.

Ocupa os mínimos espaços com rabiscos e cadernos velhos, cheios de muitas anotações com impressões do que se passa no mundo e de como a cidade tem mudado ao longo dos anos e as pessoas, continuando cada vez menos sorridentes.

Tem horror a caixas, por isso não pensa em mudar-se tão cedo e ter que por todos os livros e resenhas de filmes europeus independentes, organizados com adesivos e cores. Não sabe se é feliz. Simplesmente, não tem parâmetros pra isso. Mas gosta de viver.

Onde eu poderia te encontrar agora? Sozinha num café *salut*? Ou desprendendo sorrisos fáceis com companhias agradáveis? A cidade parece ter o seu rosto. Cada detalhe do que você mais ama nela está lá, com legendas imensas.

As luzes de mercúrio delineiam curvas sinuosas como as linhas do teu rosto. E por essas avenidas tão largas e vazias, sigo um destino incerto, sentindo o vento fazer cócegas na nuca. Placas de todas as cores. Seu nome. São as velhas companhias. Os mesmos vícios. Os mesmos tragos e goles. Tudo numa sequência *slow motion* girando em torno de você.

Alucinações tentando curar desilusões. Como se a lentidão dos reflexos fosse fazer com que o tempo não

passasse tão rápido. Velhos discos criando uma trilha sonora pra cada sorriso. É estranho.

As horas derretem nos relógios. Como quadros surreais. Não demora, o sol traz outro dia na mesma seqüência *slow motion* girando em torno de você. As mesmas baladas descoladas do nosso circuitinho *cool*. Essa coisa de signo foi que me deixou encabulado. Sei lá, acho que a gente é completamente diferente um do outro... Mas o signo é o mesmo... que coisa!

Longe de casa. Frio. Sozinho. Deve ser cedo. Ainda não tive coragem de abrir as janelas do quarto. Lembrei a última vez em que nos encontramos e a certeza do quanto é difícil ficar tanto tempo sem te ver. Eu queria a receita dessa paz que você me traz pra que eu pudesse fazer aqui em casa mesmo, como se fosse um bolo. E naqueles dias em que o desassossego bate forte, tudo que eu mais quero é atravessar a cidade só pra deixar um bilhetinho na portaria e desligar o celular logo em seguida, intimidado pelo seu telefonema certo.

Cara, eu gosto de sentir minha admiração pelo caos fugindo nas linhas do seu rosto perfeito, da sua boca, do seu cheiro, do seu corpo *mignon*, do seu excesso de sanidade quando consegue listar minhas estranhezas.

Às vezes, minha vontade é só de te olhar dias a fio pra te ver acordando e se martirizando com preguiça de levantar. Ou antes de dormir, esquecer a hora passando, em pé ao lado da estante, viajando nos poemas que eu cacei pra você.

Pelo menos uma vez a cada quinze dias, eu me pergunto em que medida eu errei. Tentando dar um encadeamento lógico aos fatos e racionalizar o que não deveria ter sido sentimento. Mas foi. É. Ainda. As respostas são como uma lacuna que eu mesmo pedi que você não preenchesse, porque sempre soube a palavra ideal a ser posta sobre a linha: acaso. Assumi todas as consequências de excluir as demais possibilidades pelo simples prazer de te curtir como gosto de licor de cassis. Até o final. Pela boca toda.

Você veio como um exercício diário de civilidade, de amor e amizade como água e óleo. É bom ficar vendo teu rosto nas minhas melhores fotos, escutando “Bizarre Love Triangle”.

Enquanto os dois corriam à beira-mar, descalços e quase sem fôlego, ela roubou a voz dele quando perguntou o que achavam de os dois terem um filho.

E explicou que, desde a primeira vez que riu com alguma bobagem dele mesmo antes de se beijarem, achou que ele seria um ótimo pai.

O riso foi cessando aos poucos e o barulho do mar preenchendo os espaços deixados por esses silêncios que incomodam e aprisionam as mãos e fazem os pés suarem frios.

Ela pediu desculpas e deu as costas pondo as mãos no rosto, fechando os olhos e dizendo que tudo não passava de uma brincadeira e que enfim. Reticências.

Ele disse que tudo bem, que não precisava ficar corada e que corada era uma palavra estranha. Talvez tão estranha quanto a vontade que ele tinha de ter dois filhos com ela. E que esses filhos tivessem nomes de poetas. Que pensava em morar numa casinha pequena, com um jardim de grama mal cortada e ter dois cachorros dourados que adormecessem ouvindo Nancy Wilson.

Diante dos seus olhos castanhos-cor-das-folhas-que-caem-no-outono-nas-ruas-que-vão-dar-na-lagoa, ele disse, um pouco envergonhado, que ela era um exercício diário de paciência e só seus lábios acalmavam os rompantes homicidas causados pelo ciúme.

Ela riu pondo a mão esquerda sobre a boca e o chamou de bobo, enquanto se acomodava em suas costas. E por que o mundo dos amantes é uma bolha invencível, eles não se deram conta da troca de luzes no céu.

Nada fácil e, por isso mesmo, demoraria algum tempo até que ajustassem o gosto de cada um e os livros completamente distintos que alicerçavam suas ideologias.

Era a prova de que muita vida estava por se esvair entre os dedos dos dois, mesmo quando as mãos eram solícitas e entrelaçadas no fim de cada tarde, quando o sol se perdia no mar de montanhas que os cercava.

Ele odeia sol. Mas percebeu, contente, as poucas marcas brancas do corpo dela. Cheiro é tudo. E os seus cabelos atravessaram a sala ainda molhados. *Let's stay together, Al Green.*

Ele acha que, caso morasse em Londres, experimentaria com mais frequência o submundo da perversão. Mas por enquanto, os pingos d'água se derramando pelo colo bronzeado dela bastavam.

Ela fala tanto e gesticula e pergunta se ele entende o que ela quer dizer. Não. Ele pouco se importa com algo que não seja guardar com todos os detalhes possíveis o contorno de seus lábios carnudos. E escorrega os olhos pelas bem torneadas pernas.

Habilidosa. Consegue esconder as doses cavалares de
niilismo que infestam seus pensamentos dando leveza
aos gestos.

Sente-se menos carente quando divide o metrô com
milhares de pessoas que ela nunca viu mais gordas,
mas que a tocam enquanto passam pelos corredores
apertados.

Não acredita no amor, mas vez por outra insiste em
algo que até faz bem. Caso acabe, não grita descontro-
ladamente, apenas rabisca mais um poema num velho
caderno azul.

Conhece o corpo tão bem que acorda noites adentro
sem lembrar dos sonhos e apenas com as mãos expondo
o prazer. Gosta de nucas. Suadas.

Todos os dias, ao acordar, põe um velho disco de Marvin Gaye e abre as cortinas como se abrisse as pernas de uma bela mulher. *Mercy mercy me.*

Hoje, ela picotou um pouco os cabelos curtos. Para dar um ar mais blasé. Encontra-se cansada de Aldous Huxley e poemas construtivistas, acha que um pouco de lábios masculinos a fariam bem à noite. Mas não tem certeza.

Ela nunca tem certeza de nada. Mas a noite sempre chega trazendo, além de certezas, gemidos.

Encantada com as luzes coloridas da cidade e dos painéis publicitários enormes nas sacadas dos prédios altíssimos, ela se deixa amolecer no banco traseiro de um táxi amarelo. My Bloody Valentine, *Sometimes*.

Tantas pessoas e coisas e barulhos que ela não consegue absorver num só lance de vista. Acha que precisa mesmo disso. Do excesso de coisas que não permitem que ela se perceba.

Ele deixou sua casa com uma valise na mão esquerda e dois olhos frios por trás das lentes escuras. Não enxergou a dor que se apoderou do peito dela nesse exato momento.

E porque são todos os amores e fins de amores uma longa travessia, ela foge dos rostos comuns da rotina

como se quisesse sepultar a sua dor num lugar só seu,
distante dos olhares de censura.

Não sabe se funciona, mas ao menos está tentando. Na
bagagem pequena, um livro velho de cabeceira, umas
bugigangas e a promessa de que tudo vai dar certo.

Perfeito. Ele pensou. Ela também não conseguia transar e escutar música ao mesmo tempo. Raras exceções eram abertas em casos de extrema urgência, quando as ruas pareciam silenciar fora do carro.

O melhor dos dois era o silêncio que entrava por debaixo dos lençóis quando passavam horas colados um no peito do outro. Diferenças colossais sendo relevadas por sincera vontade de ficar algum tempo juntos.

Mas o amor é fodido. O amor fode tudo. O amor espera o ódio entrar pela janela e riscar todos os discos com as melhores coletâneas que ele podia ter feito pra alguém. Não souberam direito o que fazer com a liberdade.

Agora ele vaga pelos trens vendendo espinhos em forma de contos curtos. Nunca mais a viu. Soube por uma amiga que ela teve um lindo filho. Que tem o seu nome.

Pause. Congelado na tela, Hendrix assiste a tudo. Mais um fim que se encaixa exato num roteiro de Truffaut. Uma seqüência agonizante de argumentos falhos e lágrimas quentes.

Ela, envolta em almofadas de cores berrantes no sofá apertando com as mãos os olhos molhados. Ele, em cada trago, tenta engolir o orgulho frio. Num canto da sala, os livros e discos dela.

Ele agora busca as chaves da solidão a fim de mergulhar mais uma vez e esperar que seja invadido por outro amor colossal, igualzinho aquele num poema de Nei Leandro.

O que é de um no outro seguirá guardado até que a poeira do passado carregue o brilho dos olhos.

Ele tenta imaginar o fim como uma triste senhora que pranteia uma perda irrecuperável, rodeada de clichês e fugas. Ela segue com os olhos rasos d'água. Ele tenta não pensar e se distrai escrevendo poeminhas bobos.

Desculpa ter sido tão frio ontem. Tem dias que consigo te odiar por cerca de cinco minutos. E me odeio por mais cinco, quando percebo estar completamente desarmado com um simples sorriso. Depois, não odeio mais nada. É quando sua paz se alastra na confusão dos meus discos.

Nas madrugadas em que a insônia chega com força, tenho vontade de te ligar. Pra não falar nada. Só pra ouvir sua respiração e sentir que você dormiu de novo. Volta e meia uns sparks do seu rosto invadem as linhas dos meus livros e, quando me dou conta, adormeço como se estivesse ao seu lado.

Eu quero fazer muitas coisas pra te ter. Todas inúteis.
Ir do Leblon a Copacabana pra te levar flores amarelas.
Pichar as paredes do seu quarto com versos de Córta-
zar. Espalhar caixas de som por toda a cidade, tocando
Nando Reis. Apagar os nomes dos países no meu mapa-
múndi e pôr o seu em todos eles.

Provavelmente, depois de fazer isso tudo, eu apenas te-
nha um sono mais tranqüilo. Um sono de dever cumpri-
do. Enquanto não consigo, vou me perdendo em cartas
e comédias românticas francesas. Todo o resto é você.

Fraque. Sorriso 16 disfarça e goza. Se eu não fugir, é claro. Eu flagelo, tu flagelas. Todos os meus “eus” geminianos suados de pânico em cima da cama sem conseguir por os olhos no mundo e acordar pro dia do juízo final. Acordei. É simples. Um vida assim um carro-em-ponto-morto-dois-beagles-três-filhos-e-al-mofadas-na-sala. Mingau de aveia, calcinha de algodão, palavrão e trepadas no banheiro-atrasados-pro-sábado-à-noite-na-casa-dos-amigos. E aqueles dias em que vou achá-la a mulher mais linda do mundo levantando da cama com cabelos desgrehados e bafo do cão. E daí? Mais gostosa que todas as minhas primas juntas. E mesmo quando ela alternar o humor de 0 a 100 km em 5 segundos vou entender e ficar do seu lado. E quando ela chorar do nada e sem saber por quê. Ah, se fosse fácil

assim. O que diabos vou dizer pra mim que sempre jurei não me prender a nada que não pudesse soltar em três segundos caso minha mãe abrisse a porta do quarto de repente? E as lâminas que trago nos bolsos ou coladas aos dedos, dilacerando minha alma todo fim de tarde? Cara, e se eu virar feliz?! Eu não admito tentar dar certo tão fácil. E a depressãozinha básica, ouvindo Janis e enchendo a cara de neosaldina com coca-cola? Uma coisa não pode me fazer bem a ponto de exorcizar os desejos suicidas após as três da tarde no domingo. Não. Eu preciso desse monte de borboleta zuretando no estômago. E punheta. Muita. Que é só o que me faz feliz na vida, além da sopinha de arroz da minha mãe. Mas. E se eu me render no meio do caminho e adorar ter trocado tanto rock and roll de boutique por um chazinho de erva cidreira e os pés dela colados nos meus quando esquecer de fechar a janela e me encolher todo de frio? A vida é uma merda. Principalmente quando vai dando certo. E pior que vai. Ela: o rio de mercuriocromo onde eu mergulhei as feridas e os medos que vieram junto com seus abraços. Tava pra ver alguém que fosse do meu pau até o coração tão rápido. Nossa, e como ela sobe com fome. Menina pra casar. Fode que é um absurdo. Inteligentíssima. Recita Sartre depois que goza, dá pra tu? Ela que juntou todos os meus cacos espalhados nas linhas e parágrafos das crônicas que eu cansei de

rabiscar em guardanapos. E diz, como quem não quer nada, que o que mais admira em mim “é essa tua independência”. Puta merda. Se ela soubesse o tanto de agonia que me faz acordar no meio da noite, achando que vou ser deixado na próxima esquina feito um cão sem dono. Foi numa tarde acinzentada que eu a pedi por inteiro, com defeitos e paranóias, porque só tem graça se vier com veneno, espinho e mel. Tudo de uma vez, pra sacar o baque e a delícia de ter uma vida inteira invadindo seu tédio e o que sobrou de esperança. Ela que tem os olhos castanhos-cor-das-folhas-que-caem-nas-ruas-da-lagoa e mamilos M-A-R-A-V-I-L-H-O-S-O-S. Eu apertando meu beco na capa dos morangos mofados pra fumar na varanda porque ela odeia fumaça. Nem reclamo. E se der errado e eu disser que puta que pariu vai ser chata assim na casa do caralho, vê se não amola e ver que foi um erro e que daqui em diante cada um toma seu atalho você fica com as crianças e a casa, não se preocupe, ainda te amo mas você sabe que não podemos insistir nessa história. E mesmo que eu diga, pense isso tudo, não tenho como esquecer tão fácil e apagar a tatuagem que suas unhas deixaram nos meus poros e o seu gosto de sossego quando encosta as coxas em minha boca. Sim, aceito!

Cinco e quarenta e sete da manhã. Frio.

Atípico. E ela aristocraticamente decompondo um cigarro com longos e fortes tragos, encostada no parapeito da janela, achando a chuva uma ótima companhia. A cidade com suas luzes de mercúrio ainda acesas, sem saber por onde andava o sol, mais parecia um quadro em cinza. Sua preferência escancarada era por outro corpo que a abraçasse. Mas por enquanto só o edredon habilitara-se.

Achava que o amor era filme, mas não lembra de ter sentido cheiro de pipoca e menta da última vez que fora acometida de tamanho mal. Aliás, nem sabia se tinha amado ou se gostava apenas das massagens. De repente,

isso significava uma despesa a menos e uma companhia a mais.

Um trago a mais. Cigarro com sabor de creme. Isso só na embalagem. Uma propaganda enganosa. Como ela. E ela sabe disso. Mas não tinha um dedo sequer de culpa. O inferno eram mesmo os outros. Que ficavam numa espécie de arquibancada esperando que ela preenchesse todas as expectativas alheias.

Fodam-se.

Morrissey, Morrison, Hegel, Heidegger, Badly Drawn Boy, Blackbox Recorder, Paulo Leminski, Falves Silva, Florbela Espanca, Neruda, muito Neruda e Caio Fernando Abreu em doses cavaleares de textos decorados e vodka barata. Cabelos vermelhos e sabonetes esfoliantes com odor de maracujá. Tudo sobre o mundo e os mundos dentro dos mundos.

E daí, cara pálida? Sua preferência escancarada era por outro corpo que a abraçasse.

Só o edredon habilitara-se. Quem é demais, mete medo.

Ele nunca sabe direito o que fazer com as mãos diante de alguém muito bonito. Ele não é bonito. Pra disfarçar a vergonha, diz que tem conceitos alternativos de beleza. Por causa dos óculos odeia futebol. Por causa dos óculos já leu tudo de Dickens. Odeia sentir areia entre os pés e os sapatos. Odeia sapatos de bico quadrado. Acha Lennon um “cara bonito”.

Quando criança, a coisa que mais o deixava feliz era a maré baixa no fim da tarde. E juntar pedras com formatos estranhos que eram jogadas de volta ao mar no outro dia bem cedo. Há anos não põe os pés no mar. Prefere manter uma certa distância por causa do sal. Enquanto isso, toma algum conhaque e fuma uns cigarros estranhos. Só ele sabe por quê.

Aliás, só ele entende muitas coisas. Como a beleza de ver um cubo de gelo derreter, pendurado num canudo de lanchonete. A alegria que dá quando encolhe as orelhas e deixa a água do chuveiro cair sobre elas como se fosse chuva. Acha Clarice Lispector chatíssima e que noventa por cento dos seus leitores não entendem porra nenhuma do que ela escreve. Quer envelhecer barbudo e rindo do caos.

Nunca sai de casa aos domingos. Acha que é um dia perigoso. Odeia o riso frouxo das famílias barulhentas nos restaurantes. A única coisa de que ele gosta aos domingos são as avenidas vazias. Mas como é domingo, ele prefere percorrê-las noutro dia da semana, pela madrugada. Saiu de casa no último domingo. Por causa de alguém. E só por isso ele sai de casa aos domingos. Por causa de alguém. Especial.

Sentado sozinho numa mesa suja de bar no cais do porto, ele entorna o primeiro gole.

- Nosso amor que eu não esqueço e que teve seu começo numa festa de São João...

As lágrimas confundem-se com os goles que descem fáceis, como se quisessem sufocar todas as lembranças que nada nesse mundo consegue apagar.

- Morre hoje sem bilhete, sem retrato e sem foguete, sem luar, nem violão...

Porque ele deu o que tinha de mais valioso e a promessa de que a amaria pelo resto de seus dias.

- Perto de você me calo, tudo penso e nada falo, tenho medo de chorar...

Mal consegue respirar quando ainda a encontra, mesmo distante, do outro lado da rua.

- Nunca mais quero seus beijos, mas meu último desejo você não pode negar...

Ele que tanto foi, que tanto quis, que tanto amou, agora implora por um punhado de sossego para a sua alma atormentada pelo fim.

- Se alguma pessoa amiga pedir que você diga se você me quer ou não...

Não há o que esconder dos amigos, menos ainda dos estranhos. Assume a dor que lacera seu peito e afasta dos lábios trêmulos qualquer resquício de sorriso.

- Diga que você ainda me adora, que você lamenta e chora a nossa separação...

Minta, por favor minta, mas venha Chegue que eu abro a porta, esqueço tudo, e digo que te amo, e te como na sala ainda como nunca te comi na vida...

- Pras pessoas que eu detesto, diga sempre que eu não presto, que meu lar é o botequim...

Deixa juntar os pedaços da minha honra, os cacos do meu sentimento e clichês que um dia eu escrevi pra você.

- Diga que arruinei a sua vida, que eu não mereço a comida que você pagou pra mim...

Ela o esnoba, pede que nunca mais a procure e que esqueça que um dia foi dele o seu corpo, pois um outro, há muito, já tomou o seu lugar.

Pálida. Quando ele menos esperava, ela chegou silenciosamente e encostou a cabeça em seu peito. Um anjo caído nos porões da solidão.

Traz no rosto a angústia poética de um filme de Bergman. Nas mãos, apenas a emergência de um afago.

Na mesma sala em que muitas vezes dançara leve, agora pede abrigo e confessa não ter rumo. Ele, que pouco sabe o que fazer com as mãos, escuta tudo calado para não se perder na mediocridade dos clichês.

Ela diz que já não há ruas que não tenham ouvido os gemidos do seu choro nas madrugadas em que vagueia, procurando novos rostos para a sua angústia.

Ele, cínico tal qual Jean-Paul Belmondo, em Acossado, de Godard diz que sente muito, mas que dessa vez vai assumir todos os riscos de um fim drástico. Diz que cansou de amar e conseqüentemente de ser a escória.

Ele riu até sentir o estômago doer, enquanto ela se embaraçava com as palavras e não conseguia explicar como havia saído de casa com um sapato de cada cor.

Ele gosta da sua companhia e de ficar com o rosto dela sobre seu peito, sentindo a respiração quente nos seus mamilos, e perguntar duas ou três vezes o que ela falou tão sussurrado que ele precisa perguntar duas ou três vezes.

Ela é insegura e pergunta se ele vai querê-la mesmo quando for descobrindo, um a um, todos os defeitos que essas três semanas ainda não foram suficientes para realçarem.

Ele diz que não sabe. Nunca sabe. E que, de repente, esses defeitos os deixarão mais interessados pelos olhos castanhos escuros e sempre sombreados dela. *A minor incident.*

Envoltos num edredon com estampas havaianas completamente nus e medindo a preguiça de levantar e fazer um café forte, eles sentem o medo de como as coisas são passageiras e vão e, por isso mesmo, decidem ficar um pouco mais um sobre o outro.

Como uma *Joana Francesa*, ela geme de preguiça e de calor. Tem tido dias de puro tédio e pasmaceira. Aliás, ela adora a palavra “pasmaceira”. Não tem certeza, mas deve tê-la conhecido nalguma crônica de Serejo.

Acalma os olhos diante dos carros que passam apressados nas avenidas loucas e acha que o mundo é um teatro de farsas e tragédias, um arranjo burocrático de liberdades vigiadas e conveniências sociais.

Já não pode contar nos dedos das mãos os corpos que deixaram seus lençóis depois de incomodados com sua acidez e censura perene.

Apesar de tudo, não se candidata à felicidade no atacado. Prefere enxergar as agruras do mundo.

Por causa disso, sofre dores agudas de tristeza, mas não quer perder a paz pontual que chega quando acorda cedinho e se deixa adormecer novamente, já pelo meio da manhã, ao som de um sambinha simples de Cartola.

Ela, desconstruindo o cigarro numa pose pra lá de *blasé*, tenta disfarçar o encanto que coisas bizarras têm sobre seus olhos.

Hum... Mas essas unhas roídas e esse sorrisinho cínico que fica no canto da boca quando ouve Tears for Fears é como se a deixasse despida.

Tem pavor de envelopinhos e coisinhas pequenas que possam ser esquecidas nos balcões dos cafés charmosinhos que encontra pela cidade.

Também tem medo de ser esquecida. Por isso, adora provocar com bilhetes anônimos deixados por sobre as mesas alheias ou nas caixas de correio eletrônico.

A ansiedade deixa seus olhos inquietos e sem saber onde pôr as mãos. Obviamente, depois de subir um pouco a saia curtíssima que compõe seu estilo *cool*.

Aliás, saias não são, definitivamente, as vestes a serem usadas enquanto se sobe uma escada.

Ah, mas ela havia esquecido de como adora escadas vazias e mãos arrebatadoras que a jogam contra as paredes insuspeitas.

Depois disso, só o cinismo dos fatos que são segredos. Uma caminhada leve por entre ruas arborizadas e uma canção quase infantil de Coldplay na cabeça.

Ao invés de abrir os olhos, preferiu sentir com calma o cheiro de cada coisa que o cercava. Em meio a indícios de vinho no fundo das taças e cortinas mofadas por causa do inverno rigoroso, o cheiro da pele dela sobressaía de tal maneira que suas mãos sentiram-se obrigadas a tateá-la.

Um pouco desorientada, ela acorda e põe rapidamente a mão esquerda sobre os olhos por causa do sol forte que já entrava pela janela. Sorri tímida e pergunta que horas são. Ele nada responde entretido que está com os poucos pêlos entre as pernas dela.

Até ali, apenas os nomes de cada um era ficção. Mas esse era o trato. De resto, todos os calores e frios que

havam se misturado na pele de cada um, ao longo da noite, e os movimentos circulares da língua dele nos mamilos dela eram bem reais.

Os pudores pareciam repousados nas roupas caídas no chão. Entre os corpos, quase nenhum espaço, a não ser dos segredos que pedem a boa descrição dos amores ocasionais.

Não conhecia meio-termo. Sempre habitou os extremos. Até dos sentimentos. A distância entre um “foda-se” e um “eu te amo” era milimétrica pra ele. Ria lendo Nitxie (sic). Não segurava o choro quando lia “A Invenção de Eurídice”. Conseguia enxergar beleza no caos e nas lâminas. Às vezes, sentia o cheiro de pólvora no próprio humor.

As palavras de que ele mais gostava, colecionava-as em várias línguas. Satisfez-se com a tradução de “patifaria”, num dialeto indiano, achando-a deveras parecida com “amor” em português.

Permitia que o xingassem e até devassassem sua casa por inteiro, desde que mantivessem intacto o “The Dark

Side of the Moon”. Explica-se: o disco foi seu primeiro contato com a psicodelia. Isso aconteceu aos oito anos de idade.

Casou. Pra surpresa dos poucos amigos. Passou a habitar no outro extremo. Passou num concurso público. Teve duas filhas. Almoçava todo domingo na casa da sogra e jogava gamão com os tios da sua esposa.

Um dia, ao chegar em casa com a família depois de um fim de semana na praia, percebeu algo estranho. Entrou devagar e viu a casa devassada por inteiro. Correu até o quarto. Levou o criado mudo até o guarda-roupa. Subiu. Passou a mão ligeira. Nada.

Chorou. Acendeu um cigarro enquanto o resto da família conferia os outros cômodos. Todos se assustaram ao ouvir um tiro seco ecoando. Ele admitia qualquer coisa. Mas que deixassem o disco intacto. Por favor.

Nas dobras do vestido desses de ficar em casa, ela ainda guarda a pressa das mãos dele. Isso a faz chorar vez por outra. Mesmo depois de prometer a si mesma dividir o passado em pequenos recortes pra serem escondidos numa caixinha embaixo da cama.

Prende os cabelos, mas sente falta de ter quem sopra sua nuca tentando aliviar o calor. Agora, sozinha, já não sabe o que fazer com as dezenas de planos que fez pra quando ficasse sozinha. *Je suis un solitaire.*

Chora suavemente depois de encontrar o prazer com as próprias mãos. E não consegue encontrar nos milhares de livros da estante a receita que a faça ter, além de calma, mais fé no amor.

O amor que ela sempre conceituou sob princípios sociológicos parece tomar a forma de algo mais metafísico, quando não, dono de fortes abraços e sorrisos cúmplices.

Não gosta de pensar em conformismo, mas já não tem certeza de que sem ele as coisas podem ser mais risonhas.

E por vê-la dormindo com o corpo descoberto em meio ao frio do vento que invade o quarto, ele sente despertar dentro de si um instinto quase materno.

Ela que sempre colecionou erros parece sentir-se segura nos seus braços, mesmo quando acorda no meio da noite fria, um pouco incomodada pelo gesto carinhoso que estende o cobertor até seu pescoço tênue.

Ele tem tentado todos os dias, ao acordar sempre cedo, assaltar o sono dela com pequenas frases que possam descrever o prazer de sentir-se vigiado por seus olhos castanhos e seu temperamento possessivo.

Enquanto não rabisca a frase que possa resumir isso tudo, tem atenuado seu desejo com pequenas flores de cores vivas que recolhe quando o orvalho ainda cai sobre o jardim da casa vizinha. É porque o amor alimenta-se de gestos fortuitos.

E numa carta escrita a punho, na tarde de um domingo de muitas nuvens e vento ameno, ele pediu que ela listasse pelo menos dez situações de sufoco. Mesmo assim, ele estaria disposto a acompanhá-la aonde quer que ela fosse.

Ela pediu calma e que ele tentasse entender que as coisas não poderiam ser daquela forma, afinal de contas, as coisas nunca são como a gente quer ou gostaria que fossem e, além do mais, ela não sabia direito como administrar a presença dele, agora mais constante, dentro do mundo dela de calcinhas espalhadas pelo quarto.

Ele disse que aceitava, mas não entendia. Ela precisaria absorver de forma menos trágica todas as vontades que ele tinha de se dedicar às coisas mais cotidianas possíveis, desde que ao lado dela.

Acabaram por aí. Ele com fome de vida. Ela passando fome de vida.

Como em nenhum silêncio-antes, só o desejo entre os dentes e três gotas de saliva-malícia desfilando pela língua até o céu da boca. Ela sente um leve frio acariciar a nuca. Dessa vez, um pouco diferente do que povoa seus dias.

Não é só desejo e carne. Uma vontadezinha miúda de se aninhar nos braços e peito de alguém que garanta, além de espasmos, um leve sorriso e cheiro de pele confortável. Um acordar sem pressa, de sol na janela e um mundo sem o menor brilho lá fora.

Dia desses, percebeu os olhos assaltados no meio da rua pelos outros olhos negros e de chumbo que agarram

suas vontades. Passou como se não estivesse completamente desarmada de alma e pêlos a qualquer sinal de maior simpatia. É a discrição que os amores fortuitos pedem quase aos sussurros. Porque a clandestinidade é mestra em acender quereres.

As angústias são as mesmas sob o sol de Sarajevo. Lá fora, no quintal, algumas roupas quaram, retorcendo com o vento que bate ameno. Só o canto silencioso das promessas pode ser ouvido por estes campos amarelados e de pouca vida à mostra. Não há um cheiro específico, mas algo estranho, como se o céu tivesse mergulhado em bacias de corantes artificiais, desses de cheiro forte, sem definição, mas apenas forte. A falsa calmaria só é quebrada com o ranço dos carros de boi que atrelam estrada afora, sem saber pra onde vão, mas apenas indo.

Ainda curto uma atroz ressaca, dos restos de insônia desses meus dias vazios, de piedade e repletos de sofrerguidão. São tantos os cacos que tenho a colar dessa mi-

nha vida que precisaria de outra pra conseguir reerguer-me ou, ao menos, manter-me atento a tudo de mau que pousa por estas minhas almas áleas. Não tenho sequer mãos rudes para afagar esse tédio que devora os segundos escorregadios dos relógios nas paredes, imensos, muitos, martelando os pregos dessa cruz de desilusão que trago sobre os ombros. O que tenho não me poupa de ser um medíocre.

É como se facas cortassem, sem piedade, tudo o que ainda resta de fé em minhas mãos, que carrego a duras penas e maus bocados. As sombras são, portanto, muito mais que fugas, são cavernas pra quem vive assim, sem ter onde repousar a alma. Não há indagações, pois não há quem as responda. Não há companhia à mesa, a não ser da água salobra, dos pratos rachados e das migalhas de pão. As garrafas dos velhos vinhos foram todas quebradas e seu saldo depositado num canto escuro qualquer da casa.

Não sei o que fiz dessa coisa que chamam amor. Lembro de ter guardado alguns retalhos numa caixa acinzentada, mas não consigo de maneira alguma lembrar onde a coloquei. É só isso que lembro. Mas afinal, de que me serve o passado? E as lembranças? Quem sabe, para aliviar um pouco a tensão que se derrama pelos

campos desse desengano. Os riachos secaram, as águas verteram sangue na última invernada e não houve o que aproveitar das plantações. Nada colhi que não fosse desatino. Nem o melaço da cana quente pode adoçar a dor dos tornos, esmagada pelos punhos secos das redes estendidas, sempre à espera de visitas que nunca dão vista.

A correria de tantas fugas me deixou exausto, como se um séqüito de anjos apenas observasse meu padecimento e nada pudesse fazer além de me acompanhar. Não posso mais fugir, já não tenho o ardor da mocidade muito menos a esperança dos loucos. Do que necessito mesmo é permanecer onde estou e pagar, aqui, todos os meus pecados como se eles existissem, como se tivesse dito alguma coisa que não fosse a mais pura sinceridade e nunca a maldade dos homens.

E tem horas que o vento deixa de ser ameno e bate todas as portas e janelas, numa sinfonia desenfreada de ferrolhos e dobradiças. São muitas as cartas espalhadas nas gavetas dessa cômoda que tenho ao pé da janela, a janela que dá pro azul mais bonito de todos os céus. Já não sei pra quem escrevi, muito menos quando. Mas isso deve servir pra reter na memória todas as chuvas em que tive um corpo junto ao meu, um corpo que

tentasse escapar dos pingos fortes e se aconchegasse em meu peito.

Todos os espelhos foram quebrados na intenção de esquecer tudo e recomeçar sem ter que sentir absolutamente nada. Foi inútil. Cada vez que deito meu rosto em direção à água, posso enxergar os fardos de flores de solitude que trago nos olhos. E cada lágrima é como se fosse um grito por uma liberdade que não vem, por um sangue que não estanca, por uma dor que não cessa. E não há hora mais aflita que o fim de cada tarde.

Como se eu ainda insistisse em esperar por uns olhos que transpassassem essas portas, me arrastasse até o terreiro e me convidasse pra ver o mar. Mas o mar está à milhas daqui, as portas estão fechadas, a noite logo chega e os olhos... Ah, os olhos; é surreal demais pra ser verdade, é querer sofrer demais pra esperar mais ainda. Mas pra quem já viveu até aqui, o que houver é vida...

Banho frio em dia gelado. Sabonete para peles negras. Três gramas e meia de cocaína. Marvin Gaye cantando “*Lets Get It On*”. Quase duas da manhã e eu me dirigindo a algum bar cheio de putas americanas e seus *streep-teases* irrealizáveis sem o auxílio de longos canos de metal. O flerte com a loucura parece fatal hoje. Ela corresponde com o calor de longos goles de gim dry.

A cidade continua um lixo com seus mendigos viciados em *crack*, jogados pelas esquinas. O puto do Baudeulair me causa inveja, falando dessas casas indianas onde se pode fumar ópio o dia inteiro. Caralho, até o Gabeira já estive numa casa dessas! Até o Gabeira!

A vontade que bate no meio de uma noite como essas é de encher o tanque do carro e sair por aí. Sem destino. *Easy Rider*. Até que a gasolina acabe num ponto escuro qualquer da estrada e eu possa acordar com o sol batendo na cara, sem saber como cheguei ali. Ou, quem sabe, com alguma loira oxigenada ao lado com o batom borrado. Minha calça idem.

Mas enfim, o que me resta hoje é a cidade contaminada de pavores e buscas incessantes por algum nirvana que me livre das dores do mundo. E essas luzes... essas luzes me cansam. Fotofobia. Pânico. Vertigem. Obsessão. *Mais gim. Inspira. Expira. Prende. Eu só queria uma razão. Pra o que quer que seja. Real. Ao menos. Solta.*

Mas é a solidão que me faz vagar assim perdido. Como se o mundo fosse mudar na próxima pia de mármore desses bares bacanas, onde vou lavar meu rosto depois de vomitar litros de desilusão e voltar pra casa sem ter coragem de por a cara no espelho. *Mais gim. Inspira. Expira. Prende. Eu só queria uma razão. Pra o que quer que seja. Real. Ao menos. Solta.*

Num guardanapo de papel azul engelhado, ele anota devagar pra que não se rasguem todas as promessas que, caso cumpra, farão dela a mulher mais feliz desse mundo.

Diz para si mesmo que a culpa é do guardanapo frágil e, por isso, dois ou três já estão rasgados embaixo da mesa.

Enquanto isso, ela se concentra numa revista com capa colorida e dois dedos segurando o canudo que sai de um copo de porcelana grosso sem alça.

Olha-amor-que-mulher-linda-e-charmosa-e-bem-ves-
tida-prometo-que-vou-entrar-na-academia-e-ficar-as-
sim-só-pra-você.

Ele pede que ela não prometa tanto. Essas coisas findam
sempre embaixo da mesa. Rasgadas.

Saiu, deixando apenas um aviso pregado na porta da geladeira, cheia de adesivos de *fast-foods* chineses, dizendo que foi no posto comprar alguma coisa que contenha álcool, mas volta até o início da noite.

Num canto do corredor, apenas uma velha mochila entupida de bottons do Ramones que não devia guardar mais que doze ou quinze peças de roupa e um tênis sujo.

Eu durmo em qualquer lugar. Não, não se preocupe comigo eu como qualquer coisa e, pelo amor de deus, não deixe de trazer seus namorados pra dormir aqui por minha causa. É só avisar um dia antes, que eu me viro e arrumo um lugar pra ficar.

Como assim solteira? Fala sério! O que você esteve fazendo esse tempo todo? Aliás, o que os homens desta cidade andam fazendo de suas vidas que ainda não descobriram o par de seios mais lindos do quarteirão?

Ela sabe que não demora e, na mesma geladeira onde o bilhete ainda está pregado, vai estar uma despedida com um beijo escrito às pressas, com o batom que ela mais ama e que custou os olhos da cara.

Por isso, todas as noites, as caixinhas de incenso indiano testemunham um jovem descabelado fechando, com cuidado, a porta do quarto dela e dormindo de qualquer jeito num canto da sala.

Eu sempre achei que a nossa cumplicidade tinha cheiro de café. Desses que incensavam a casa enquanto conversávamos na mesa da cozinha, nos fins das tardes frias.

Ela, de costas, pés descalços, adoçando e sorvendo o café calmamente. Eu, sentado um pouco atrás, quase sempre perdia o rumo da conversa acariciado pelo cheiro dela misturado ao do café, depois ao leite fervendo.

Calendários pra mim sempre foram uma espécie de prisão. Odeio regras, datas. Eu media o tempo pelos detalhes que ela trazia consigo. O jeito como prendia o cabelo, reclamando do calor e deixando à mostra sua bela nuca pálida, era um deles.

Mas um gesto, um pequeno gesto seu, fez com que eu fosse ao longo dos anos exercitando minha paixão: seus olhos castanhos por sobre a xícara grande de porcelana, que ela segurava com as duas mãos. Nada mais humano. Pouca coisa mais divina.

Um sorriso ali, um carinho acolá, entre uma conversa séria e uma risada boba, escondíamos no fundo das xícaras nossas pequenas promessas, uns versos curtos e, volta e meia, alguma canção de Nina Simone.

As mesmas xícaras por muitos anos. Escoltando a história que íamos moldando entre as marcas difíceis da rotina. Às vezes, apenas a minha na varanda, ao lado do cinzeiro lotado de pontas de cigarros. Noutras, apenas a dela no criado-mudo.

Não era sempre fácil. Tanta coisa vai fazendo água, maçando essa engrenagem louca do amor diário que algumas vezes eu tinha medo de não chegar em casa a tempo de dizer que a amava. Tanto. E cada vez mais.

E eu corria da garagem até a porta, dois ou três degraus de cada vez, e chegava sem fôlego à campainha. Antes mesmo de ela abrir, eu deixava tudo bem claro: eu a amava. Um longo beijo, depois um bom café.

Nas inúmeras madrugadas de insônia, nos inícios de noite na varanda com cada um contando o seu dia, nas nossas discussões altamente civilizadas e adultas, assim como nos surtos infantis comuns aos casais, o cheiro de café precedendo goles fartos.

Eu não sei direito há quantos anos estamos juntos. Mas deve ser muito. As xícaras começaram a amarelar. E as crianças não são mais crianças. Volta e meia, aos domingos, aparecem aqui no fim da tarde para tomar um cafezinho.

Foi sempre ao redor de xícaras de café que confidenciamos nossos segredos mais íntimos, confessamos nossos pecados, saramos algumas decepções e fomos retocando nossas pequenas promessas de amor.

O cheiro ainda é o mesmo. Dela e do café. Ainda se misturam. Por vezes, se confundem. Eu, assim como anos atrás, acabo não suportando a tentação de abraçá-la pelas costas, enquanto ela, com os pés descalços, numa blusa surrada, adoça e sorve o café calmamente. Porque cumplicidade tem cheiro de café.

Abaixa um pouco, o ombro deixando cair a fina alça da blusa. Sorri, mordendo os lábios após baixar o rosto e deixar os cabelos curtos cobrirem seus olhos.

Sente o desejo entrecortado pelo torpor. O arrepio leve nos pêlos do corpo inteiro escoa e ecoa num gemido fortuito.

Sozinha. Não espera por mãos que possam cobrir seus poros, nem uma língua que cultue a lascívia do seu corpo. Tem tidos dias assim, de completa solidão, uns goles de vinho barato e cigarros deixados na metade.

Não quer desperdiçar o desejo num rosto sem nome. Cansou. Decidiu que, de duas semanas atrás em diante,

será démodé e cafona, apostando umas fichinhas num amor bem breguinha e piegas como as baladas de Barry White.

Anda descalça pela casa, saltando pelos cantos silenciosamente pra não assustar os amores que, às vezes, se escondem atrás das portas e dos móveis. Encolhe-se na ponta do sofá agarrando as penas e descansando o rosto sobre os joelhos.

Há sempre muitos mistérios gostosos na espera cálida por amores breguinhas e piegas.

Atrás da porta, um bilhetinho amarelo assinado com um beijo leve. O peso do universo lá de fora vai aos poucos fugindo quando o cheiro amadeirado usurpa minhas roupas, mãos e cabelos.

O corredor, a cada passo, transforma-se no escuro do mundo e cada palma da mão, um segredo a ser desvendado, tentando desesperadamente achar um poema de cabeça pra adornar o corpo dela, deitado na cama cercada de velas.

E eu pergunto a deus por que graça nesse mundo essa mulher achou por bem fundear suas pernas nos meus lençóis e me deixar sem rumo, quando sussurra obscenidades no meu ouvido.

Mas não há tempo para muitas indagações. Quando dou por mim, tenho suas pernas laçando minha cintura e me puxando a todos os pecados que ela coleciona nas frestas dos seus lábios rachados.

Domingo. Ela odeia domingo. Talvez por isso não tenha caminhado mais que oito metros dentro do próprio quarto. O dia já chegando ao fim nos ponteiros do relógio e ela com dezenas de discos e livros espalhados sobre a cama e outras tantas cartas escritas que nunca serão enviadas.

Chora manso, o choro aveludado da solidão. Ela trocaria todos os discos do Pavement por um beijo. Ok, ok, mais um Henry Miller e aquele show do Electric Soft Parade em Hamburgo por um abraço. Ela leiloa sua solidão por qualquer carinho. Mas as pessoas estão longe. O telefone toca. Não vai atender. Não deve ser pra ela. É claro que é engano. Se quisessem vê-la viriam. É tão perto de tudo.

Diverte-se, fazendo fotos de si mesma. Mil caras. Mil bocas. Um só coração. Partido. Pensa que vai mudar de cidade assim que o ano novo entrar. E que cidades novas são legais. E que vai se perder muitas vezes até se virar sozinha. Mas ela estará sozinha. A única coisa que muda nessas cidades é o cheiro da solidão. Úmido por causa da chuva, ou seco por falta de companhias, e assim por diante.

“Hoje o dia foi estranho. Senti, pela primeira vez, tua falta me incomodar. Outras vezes, eu mando um e-mail. Aí, penso que falei com você. Mas passa. Hoje não... *We've been had*. Essa música parece muito com você... Porra, eu lembro você cantando alto quando ficava bêbado em casa naqueles domingos enfadonhos... como esse... aparece aqui! Todos os discos do Pavement, um Caio Fernando Abreu e aquele show do Eletric Soft Parade em Hamburgo.”

Mais sozinho que um bar com as cadeiras de pernas pro ar sobre as mesas. Eu. Sozinho num bar com as cadeiras de pernas pro ar sobre as mesas. Tentando afogar as mágoas que há muito aprenderam a nadar. Em cada copo uma anestesia. Sim, porque eu odeio curas. Eu gosto de coisas que entorpeçam, que apenas somem por instantes com minha dor. Eu gosto de venenos lentos. Como você. Que me estraçalha aos poucos.

E eu ainda fui avisado de tudo. Sim, de tudo. O louco do Torquato Neto dando o toque em cada poema, dizendo que amar é uma merda e eu ficava desnortado com aquilo tudo, achando que era só poesia. Eu queria acreditar em Wally, quando dizia que a memória é uma ilha de edição. Mas tá foda, porque até agora não consegui

editar nada que eu queria lembrar de você. Você com esse seu dom de me imobilizar...

Hoje pela manhã cedo, lembrei de você dando um jeito na minha vida. Reclamando horrores porque eu deixava isqueiros espalhados por todos os lugares da casa. As canalhices que eu adorava fazer pra rir dos outros sem piedade fugiram quando me viram rendido a essa sua mania de andar de mãos dadas. Eu nem reagia.

Eu poderia ter muitas mulheres, uma em cada canto daquele apartamento. Eu conseguiria mentir pra todas elas, mas nunca pra mim mesmo. Aliás, você pode me explicar que mania era essa de espalhar fotos suas por todos os lugares da casa? Já dá pra fazer um álbum com as fotos que eu achei dentro de livros, debaixo das roupas. Tá louca ou foi só pra provocar mesmo? Eu sei que tudo que eu fizer pra te ter de volta é por pura vaidade. É egoísta e até meio sujo isso, mas iria me trazer um alívio monstruoso.

Ele nunca foi o que convencionaram chamar de “livre”. Mas fumava uns cigarros de cheiro estranho que traziam essa impressão. Também não podia ser considerado um ser esquisito. Ler Alvin Tofler, escutando Pink Floyd, não era elemento suficiente. Normal? Como todos.

Adorava repetir, dando voltas no sofá, o que ele considerava a maior citação de todos os tempos. George Orwell. Nunca havia saído de sua pacata cidade. Mas conhecia a Boca do Lixo como poucos. De tanto ler Plínio Marcos.

Todo dia se apaixonava. Sempre pela mesma pessoa. Talvez pela ausência de mínimo interesse que ele

despertava nela. Ela. Uma publicitária como deve ser uma publicitária. Descolada, independente, educada, inteligente, cabelos curtos e entendida de drogas ilícitas. E lícitas também.

Um dia, ele resolveu conhecer a Boca do Lixo. E nunca mais voltar.

Hoje, ela chora copiosamente todos os dias. Sempre o achou interessante demais pra ela. Mas nunca teve coragem de contar.

Às vezes, pode ser tarde demais.

Meia luz. Meias. Sapatos. Jogados. Canto. Num canto do quarto. Ludov. Fotos. *Light drugs and no sex*. Incenso. Mirra. Sabe aqueles dias em que o que menos se quer é manter-se sóbrio e acordado?

Goles. Goles. Fartos goles. Tragos. E mais tragos. Não há como afogar mágoas que aprenderam a nadar. Há dias que, quando a noite chega, a gente acha que a morte vem junto.

Todo desespero tem um nome. Se não um nome, ao menos um rosto. Se não um rosto, o vazio do tédio. Silêncio caótico, cortado por harmonias densas que pulsam. *Pulse*. Fotofobia crônica.

Sente o corpo saindo pela boca. Corre. Banheiro. Senta.
Chão. Encosta o queixo e chora. Vomita. Horrível.

Pior é o desespero que tem, além de um rosto, um belo
par de seios.

Desmonta-se sobre o sofá. Fecha as cortinas. Exorciza o inferno de mais um dia desordenado, tragando um cigarro terapêutico com goles largos de leite frio.

Retira os sapatos com os próprios pés e acaricia-os com as mãos macias e fortes, tais quais um bolero de Ângela Ro Ro.

Não sabe se conseguiria adaptar-se a uma felicidade *senza fine*, dessas estampadas nos rostos dos casais no fim de toda telenovela.

Também não acha que tenha cometido um pecado por ter desmontado um buquê que caiu no seu colo por

acaso, só por causa de uma única flor do campo amarela
que encantou seus olhos.

Às vezes, chora escondida de si mesma no apartamento
vazio e silencioso, mas logo se recompõe quando pensa
o quanto é prazeroso retirar o telefone da tomada no
fim de semana inteiro e passar horas dividindo copos de
vodka com a maestria de Zé Kéti.

Acordei.

Sufocado com seus cabelos emaranhados no meu rosto e sentindo o braço dormente com o peso do seu corpo pequeno sobre o meu. Depois de segundos hesitantes, resolvi levantar devagar, escorrendo o corpo pelo lado da cama sem querer acordá-la. Mas foi impossível seu sono não fugir pelo tempo de balbuciar alguma reclamação e voltar a dormir agarrada ao travesseiro.

Com os raios invadindo o quarto pelas frestas, deduzi que o sol estava forte e assim não poria os pés na varanda tão cedo. A meia luz e o cheiro dela eram muito mais

aconchegantes. Sentei na poltrona azul de almofadas brancas ao lado da cama e senti o arrepio da felicidade invadindo meu corpo pelos olhos. Com a alma despi-da do medo de assumir toda a minha rendição àquele corpo coberto pelo lençol.

O que me havia feito seu? Enquanto as respostas não vinham, eu ia me perdendo à procura de poemas que carregassem nas linhas e entrelinhas todo o meu querer bem e querer mais, sempre. Como se toda a minha razão tivesse, por uns tempos, fugido sem deixar sequer um bilhetezinho azul, eu agora remava com talheres sain-do dum porto de solidão.

Depois de tantas porra-louquices inconseqüentes à beira do abismo, ela havia me trazido a paz de não precisar soletrar Schopenhauer embriagado, afinal de contas os poemas de Martha Medeiros eram muito mais suaves.

“Pare de me olhar... assim você me deixa encabulecida! Por quê? Porque sim... En-ca-bu-le-ci-da, que palavra!”. Rimos baixinho enquanto ela abria os olhos lentamente. “Por que os aviões não levam seus filhotes pra passear? Não sei. E Neruda? Pode ser oferecido tão cedo? E... e por que não você louco por mim? Eu já sou. Sede... Hã? Sede. Eu pego água. Fria ou gelada? Tanto faz”.

Escutando “Black Magic Woman”, eu remexi as pedras de Calcutá e lhe mostrei uma história sobre borboletas.

Eu tentei ser punk com os discos de Dead Kennedys; falhei. Moderno com pinta de intelectual que sabe tudo de cinema búlgaro; falhei. Falhei em muitas coisas, inclusive em não ter mandado as cartas que eu escrevi pra ela durante meses.

Mas eu não poderia jamais falhar na dose diária de carinho. E eu que sempre odiei o óbvio, o unânime, o piegas, não conseguia escrever nada sobre política nem cinema, porque o amor quando chega, não permite argumentações nem atenções divididas.

Orgulhosa. Rói as unhas nas noites de sábado em que se entorpece sozinha em casa, sem querer ligar e dizer que morre de ciúmes. Precisa manter a compostura de publicitária descolada e sem preconceitos. Isso é ser cool.

Maquia-se suave frente a um reluzente espelho. Renega as centenas de bandas do britpop quando se deixa levar por Wando-você-é-luz-é-raio-estrela-e-luar, agarrada às próprias pernas, encolhida no canto esquerdo da cama.

Sente o cansaço de horas, mentalizando mantras para que o telefone toque. Nada. Nem ninguém.

E segue assim, achando que depois dele os outros são os outros. Não sabe onde por os dedos que seguem em busca do telefone, mas que acabam desaguando nas teclas do computador, escrevendo mais uma carta que jamais será entregue.

Um sorriso que vaga entre o malicioso e o infantil faz ninho por alguns segundos no canto da sua boca. Ela cruza a calçada num afã que não permite entender o rosto das pessoas em direção contrária.

Com os pés guardados num par de botas cobertas por uma longa saia de estampa em tom pastel e o colo escondido por uma bolsa, ela fixa os olhos grandes e negros no colorido das flores, cinco ou seis metros à sua frente.

Um buquê de flores do campo que adornará a janela pequena do seu quarto é recebido após a entrega de cinco moedas. Ela segue.

Tem sentido um calor que, além de estranho, é forte o suficiente para vencer mesmo os banhos mais gélidos. Mas isso é segredo. Só ela sabe.

Não tem certeza ainda, mas desconfia que tal calor seja lançado dos olhos de um belo moço que, dia após dia, ganha seus olhos no ônibus que a leva ao trabalho.

Ela acha que ele tem cheiro de banho de chuva em dia de verão. E tem a impressão de que seus lábios são duas almofadas macias, roubadas do seu quarto.

Ela até sente, um por um, os pêlos do seu corpo arrepiarem. Leu num romance desses de banca de jornal que isso pode ser a tal da paixão.

Anda muito assustada, pois desconhece a totalidade dos seus sintomas.

Minimalista. Gosto dessa palavra. E de repetí-la enquanto bebo licor de cacau no fim da tarde. Talvez por nunca conseguir ser um. Ser um minimalista. Eu gostaria de dizer um monte de coisas compactadas numa só palavra. Assim, juntinhas como centenas de latinhas de alumínio recicladas. Não consigo. “Paixão” é clichê. “Amor”, muito vago.

Eu queria encontrar uma palavra que significasse *leite-quente-em-dia-frio-abraço-de-urso-panda-biscoito-de-nata-poema-de-martha-medeiros-dormir-de-rede-na-praia*. Tudo numa só palavra. Um dialeto. Um código.

Um gesto. Aí, depois que eu encontrasse essa palavra, eu a mandaria numa carta de envelope verde-água, escrita numa folha de papel manteiga com nanquim. Pra ela.

E essa palavra seria minimalisticamente exata. Milimetricamente perfeita. E conseguiria dizer, num só toque e em letras garrafais. tudo que eu repito, repito, repito e disfarço em contos curtos, mas não consigo. Dizer. Uma palavra como uma gota d'água. De dez gramas. Quatro cores. Dez letras.

Mas depois disso, eu teria que ter outra palavra. Minimalista também. Que expressasse a ansiedade e o frio na barriga que ia dar ao pensar nela lendo minha carta de uma só palavra escrita num papel manteiga com nanquim dentro de um envelope verde-água. E outra palavra que traduzisse a sensação de saber que ela acharia linda a carta.

Mas que, nem por isso, me amaria como eu a amo. Pronto. Caí no vago: “Amor”.

Vento norte. Sol ao sul. Destino desconhecido. 148 km/h. Acelera. *Take a look around. Just one more fight. Cry on the rain. Do you hate me?* Vodka e roleta. Russas. E eu sem entender como tanta coisa podia acabar assim, numa estrada sem destino. Todas as exceções que eu pude abrir, agora se destruíam como a cinza do cigarro em minha boca. Não. Eu não quis que fosse pra sempre. Eu só quis que fosse.

E eu agora com todos os livros que você esqueceu na minha estante e todas as nossas fotos guardadas. Um guardanapo de hotel com sua letra: “*O amor é uma*

estranha forma de desespero...”. Eu me perdi e não sei como explicar. Essa coisa grudenta que me fez desconhecer o motivo de querer estar ao seu lado.

Eu poderia ficar horas te olhando e sentindo o gosto amargo de suas coxas e sua boca carnuda e seus dentes fortes e seus olhos amendoados, como se fossem faróis abandonados numa praia qualquer. E inventando palavras pra resumir seu sorriso. Eu poderia ir com você pro Nepal. Pro Gabão. Pro Sri Lanka. Pra qualquer lugar que não me desse necessariamente um motivo. Mas apenas meus olhos nos seus.

Por horas seguidas. Em silêncio. Pra eu te ver gesticulando, enquanto divaga sobre anarquismo contemporâneo e mídia virtual com primitivismo artístico e sua boca denunciando todas as suas mentiras. Doces mentiras. Pra eu sentir uma completa ausência de gravidade que chega, quando você bate os olhos em mim, e uma dor fina no estômago e o frio do meu suor. Eu poderia fazer muita coisa. Mas nada disso te interessa.

Cruzavam-se várias vezes ao dia. Sempre no elevador. De manhã cedo, ele ia trabalhar e ela, caminhar na praia. Vez por outra, um esperava o outro segurando a porta do elevador. Vez por outra, ajudavam-se com as sacolas de compras. Vez por outra, trocavam gentilezas impessoais e comentários sobre o tempo frio. Ou quente. Não havia nomes.

Ele ficava no quinto andar. Ela no sétimo. Ele com vinhos chilenos, livros de Paulo Leminski, cigarrilhas cubanas e discos do Yes. Ela com livros de Lya Luft, discos de Maria Bethânia, licor de cassis e cigarros ultra

lights. Ele de terno, vez por outra, camisetas pretas. Sempre pretas. Ela de *tailleur*, vez por outra, roupa de academia.

E assim foram se conhecendo. Um sabendo da vida do outro pelo porteiro do condomínio. E pelos olhares no elevador. Ele solteiro. Ela, *idem*. Ele de barba. Ele sem barba. Ela de cabelos vermelhos. Castanhos. Escovados. Ela usava calcinhas de algodão. Deu pra notar quando se abaixou pra pegar a maçã que rolou pelo *hall*.

Ele só podia odiar praia; branco daquele jeito! Ela devia adorar o mar, sempre brozeada! E foram catalogando as vezes que deixaram de perguntar um sobre o outro, mesmo nas noites de sábado, quando ele chegava sozinho com dezenas de filmes de locadora e uma garrafa de vinho. Ela, *idem*.

Num desses sábados, não agüentaram. Enquanto isso, as velhas chatas esperneavam lá embaixo, tentando entender por que o elevador havia parado.

Dedicou sua vida a dois objetivos: auto-desestabilização constante e difusão de poesias concretas entre os amigos. Quatro, diga-se de passagem. Acreditava pouco no ser humano e muito menos em suas mudanças.

Gostava de: ver a manteiga saindo pelos furos da bolacha *cream-cracker*, comer abacaxi gelado espetado no garfo, incenso de mirra, cigarros artesanais e músicas de Yan Tirsén.

Odiava: banana, mamão, roupas coloridas e mulheres que usam calça tipo *capri*.

Não tinha opinião formada sobre: *superávit* primário, epidemias tropicais e arquitetura islâmica.

Seu maior medo era morrer sem um dia fazer amor. De verdade. Um dia, ele fez. Sentiu um monte de coisa que nunca havia sentido antes: frio na barriga, suor nos pés, tremor nas mãos e engasgo. Tudo de uma só vez.

Pulou do trem entre Ceará-Mirim e Natal, voltando do tributo a Raul Seixas. Já havia feito amor. Não tinha mais medo da morte.

Já havia tentado de tudo: mapa astral, chá de quebra-pedra, cânhamo de Cabrobó e casas de *bondage*. Tudo em busca de um grande amor. Grande, desses abissais, colossais e outros superlativos que traduzissem, com fidelidade, um sentimento nunca conhecido.

Seios pequenos, porém sinceros. Boca não tão carnuda, mas nada que um delineador não resolvesse. Cabelos encharcados de creme e reparador de pontas e, por isso mesmo, sempre com um volume aceitável. Todo santo dia, ao olhar-se no espelho, resignava-se por não ser Sophia Loren. Mas era tão... tão interessante!

Sabia tudo de bandas escocesas, filmes armênios, literatura albanesa e movimento desconstrutivista, sem

contar os inúmeros poemas-processo que conhecia de cor e salteado. Já havia lido o Tantra duas vezes, tentando afastar a frigidez. Conseguiu. E conseguiu seu grande amor.

Ele nem sabia direito do que se tratavam os poemas-processo e odiava a fotografia esverdeada dos filmes armênios. E daí? Todos os dias, no fim da tarde, trazia pra ela torta de café com nozes e bilhetinhos de amor com letras de Odair José. Um dia, ele não trouxe a torta. Nem os bilhetes.

- Clara?! Você tá bem?!
- Como assim? Claro que tô! Você tá louco? Me ligando a essa hora da madrugada?!
- Desculpa... é que eu sonhei que você quase morria afogada... mas eu te salvava...

- Clara?! Tudo bem com você?!
- De novo, Rodrigo?! A essa hora da madrugada?
- Desculpa... é que eu sonhei que você quase morria atropelada... mas eu te salvava...

- Clara?! Como você tá?!
- Rodrigo, por favor! São três da manhã e eu tô dormindo!
- Desculpa... é que eu sonhei que você quase morria num incêndio... mas eu te salvava...

Casaram-se. Após alguns meses de felicidade, hoje ela sonha que ele morre todos os dias. E não tem o mínimo interesse em salvá-lo. Ele nem sonha mais com ela. Apenas em ir embora.

A tarde já findara no relógio. Eu, acostumado a ver o dia se afogando no mar antes da seis, confesso ter ficado um pouco confuso com o descompasso entre os ponteiros e o sol ainda alto.

Logo censurei minha surpresa. Não seria eu, até ali, um colecionador de desarmonias como aquela posta aos meus olhos? Eu certo, na hora errada. Eu errado, no momento oportuno e assim por diante. Como um sol que se põe antes da hora.

Lá estava eu, a dois mil e tantos metros de altura, tentando dar uma estampa a inúmeras decepções, desacor-

dos e pequenas angústias por nunca chegar ao fim ou ver o fim passar por mim, quando eu acreditava estar apenas no começo de muitas coisas e pessoas.

Sem tanto alvoroço a ser silenciado, dei minha atenção ao fardo de socos no ar, que é com o que se parecem certos enigmas do coração. Por pouco, não moldo minhas mãos às formas ásperas da ansiedade.

Não houve tempo. Quando dei por mim, percebi a calma alastrar-se pelas pontas dos dedos e tomar meus braços, subindo até o pescoço.

Pálido, cálido, com uma dúzia de sorrisos guardados entre os lábios carnudos e a língua. Um rosto. Uma serenidade tamanha que assustou minha alma perturbada.

E os olhos! Tão castanhos, meu deus! Da cor dessas folhas que caem no outono, nas ruas que vão dar na lagoa.

Entre pedras e a imensidão das colinas lá embaixo, que se perdem no horizonte, ela aproximou suas mãos macias e calmas como se ajustasse com um abraço o descompasso não apenas entre o sol e o relógio, mas os tantos outros que me sufocavam.

Eu, que guardo nos bolsos os arrepios de tão pequenas alegrias, das conchas colhidas à beira da praia na infância, das gotas pesadas de suor escorrendo pela testa sob o sol quente de onde me criei, senti o gosto doce e levemente amargo das paixões que tomam forma.

Um punhado de harmonias tão raras que me fizeram esquecer por completo a que horas o sol deveria se pôr. Por mim, ele até teria ficado lá, por horas e horas e deixar chegar o outro dia, só pra eu não perder de vista seu reflexo nos olhos dela.

O tempo era outro. Daquele descompasso entre sol e relógio em diante, as horas pareciam caminhar de outra forma. E tudo começou assim, numa harmonia entre sol, os olhos dela e um abraço. Porque paixão tem tempo e compassos alheios aos nossos sufocos.

Ele estava sempre perto. Solícito. Pondo todos os erros dela em ordem, assim como os livros que ela deixava por debaixo das almofadas do sofá de cor laranja.

Deixava o olhar se perder pela janela que dava pra uma parede enorme de concreto, esperando ela chegar.

Ele a desejava com força e suor e sorria toda vez que ela se embaraçava com seus óculos, quando desciam as roupas um do outro pelo meio da casa. Gostavam de discutir sobre qual era o melhor disco dos Smiths, depois que faziam amor.

Até que os olhos dela foram tomados de assalto pelo desejo que corre a noite como cavalo sem cela. E ficou assim, perdida, sentindo os braços divididos entre o risco que atrai e a segurança da solicitude dele.

Resignado, apenas pôs todas as roupas e uns livros numa mochila velha e partiu antes que pudesse ouvir os argumentos ferinos que ela trazia no canto da boca borrada de batom.

Hoje, ele pensa em ser mais cruel e frio. Mas tem uma coisa no peito que não sabe como nem porque que amolece toda vez que sente a lembrança dela chegando junto da madrugada fria.

Ela explica, pau-sa-da-men-te e quase sussurrando, que ele havia entrado de tal forma em sua carne-alma que, por alguns segundos, pôde esquecer a falta de paixão com que seus olhos viam passar os dias nos últimos anos.

Com o corpo completamente estendido e as costas nuas voltadas pro espelho, ela não conseguiu enxergar a lágrima dissimulada que saltou dos olhos dele para o colchão.

À medida que as horas passavam, suas carnes tremiam com a força que o medo impõe em forma de pequenos calafrios.

A vida é vã e ele não se podia dar ao luxo de desperdiçar um minuto em algo que não fosse a descoberta de seus corpos e sentir os dentes em leves mordidas na nuca.

Essa vida, aparentemente gigantesca, que na verdade não passa de um amontoado de efêmeros gostos e gestos, parecia entornar seu calor entre as marcas dos lençóis e os gemidos cúmplices de um amor que tomava corpo.

Não sabem ainda quantos defeitos são necessários para que o estado de encantamento mútuo desvaneça.

Mas isso é o de menos, quando ainda podem passar o dia trocando risadas insinuantes e gemidos *idem*.

Ele escreve metáforas piegas, tentando explicar que os lábios dela são como uma ilha em que ele se agarrou, na perdição que o rodeava do mar bravio de suas inconsciências e seus medos de se entregar.

Ela ri docemente e diz que o conheceu mais cético e existencialista, citando Sartre contra toda sorte de

amores. Mas que o prefere assim, tendo-o ao seu lado quando acorda, acariciando-lhe os cabelos.

Ele sente um arrepio no corpo quando a vê colocar um velho disco de Piazzolla e vindo em sua direção com uma taça de vinho, mordendo os lábios e deitando um pouco o ombro esquerdo para deixar cair a alça de seda de sua blusa folgada.

Compartilham obscenidades nos ouvidos um do outro como se estivessem em público e não quisessem parecer libidinosos, mantendo assim o segredo até para si mesmos, até que o grito denunciado pelos pés esguichados venha zombar dos bons costumes.

Enquanto espera a água esquentar mais um pouco,
enrola os cabelos com os dedos. Morde os lábios.

Deixa escorrer pelo canto da boca um sorriso malicioso
de quem quer ter o corpo aprisionado por duas pernas
ainda hoje à noite.

Deleita-se com o cheiro forte do âmbar e espontanea-
mente deixa as roupas tomarem o rumo do chão. Desfila
a sua pureza perdida pela casa, recitando os sonetos de
Gilmar Leite tão baixinho que sequer precisa mexer os
lábios.

Não tem certeza, mas acha que a vontade de tê-lo deve ser perceptível até para a senhora gorda e antipática da padaria que a acha uma perdida moça sem respeito. Mas quem sabe um sentimento assim tão bonzinho possa redimir todos os seus pecados.

Tenta disfarçar para si mesma umas gotas de suor nas mãos, como se não tivesse mais idade para ser surpreendida por novos e lascivos amores. Mas há sempre coisas novas a serem realizadas. O amor é uma biblioteca empoeirada.

poema de sábado-noite

Antes de cair na noite
diverte-se em casa
com uns cigarros terapêuticos
e a francesa sensual
do Vive la fête!.

Ele acorda num pulo e diz que, há cento e poucos anos, o seu poeta preferido publicava o primeiro poema e que ele havia lido aquilo ainda na adolescência. Sua vida havia mudado por causa dos versos que jamais esquecera. Prova disso era que ele podia recitar agora mesmo.

Deitada de bruços com as costas nuas e o lençol cobrindo até metade das pernas brancas, ela pede que ele volte a dormir ou, se quiser fazer barulho, por favor fique na sala.

No dia em que ela foi mais feliz, nenhum avião se espelhou no seu olhar até sumir. Pelo contrário. Não havia aviões, mas apenas dois olhos abertos observando dois outros fechados, dormindo.

Ela sempre soube que felicidade não é algo simples e sempre a achou parecida com algodão doce. Fácil, fácil de se desmanchar. Piegas isso. Ela sabe.

Mas seu coração vagabundo pedia uns instantes de paz no meio da balbúrdia dos amores rompidos e passados.

A felicidade é um risco.

Um risco de acabar quando os outros olhos abrirem e forem possuídos pelo acúmulo de mal entendidos naturais de todo amor e, quem sabe, de se deixar levar pelo que as pessoas chamam de racionalismo. Mais precisamente, um medo que dá de assumir que gosta de alguém e que, mesmo com todos os mal-entendidos e defeitos, se dispõe a ficar junto.

Por ela, o mundo acabava ali. Naqueles olhos fechados dormindo. Mas sem risco, não tem graça.

Era dona de poucos sonhos. Tão poucos que seguiam com ela sempre anotados num guardanapo, desses de pastelaria. Tinha uma rotina cartesiana. Metódica. Pra não dizer neurótica.

Depois de meia década de análise, suas conclusões variavam entre o bizarro e algum distúrbio na fase oral. Freud explicava. Ela nunca entendia. Mas ao menos, tinha com quem conversar sentada num confortável divã, em plena terça-feira à tarde como se o mundo lá fora fosse só uma vírgula.

Na verdade, sua vida era um ponto final. Aqui e acolá,

uma exclamação. E algumas centenas de indagações. Na verdade, o que lhe faltavam eram reticências. Sim. Esses três pontinhos que tendem ao infinito. Incompleto mistério. Ela pisava o chão com gosto demais.

Resolveu ser feliz. Desmarcou todas as calcinhas e sutiãs, separados por dia da semana. Misturou os seus livros de sociologia com os de iniciação aos astros. E decidiu que, dali em diante, teria com quem transar toda terça-feira à tarde como se o mundo lá fora fosse só uma vírgula.

Hoje, ela se sente bem melhor. A sua analista *idem*.

“Putá que pariu! Olhe o que esse filho da puta fez comigo! Filho da puta! Olhe o que o amor fez comigo!”

Calado e achando aquilo tudo um espetáculo de mau gosto, o amor assiste a tudo sentado na janela. Porque, volta e meia, ele sai por aí, certificando-se dos estragos que faz.

Ele só percebeu o quanto ela estava distante ao acordar no meio da noite, pensando ter sentido o gosto dos seus mamilos. Lançou o braço no ar até repousá-lo no lado vazio do colchão.

Agora, todas as manhãs, um filme mudo em preto-e-branco derrama-se pelo desfiladeiro de suas lembranças, contornando o rosto dela partindo e deixando marcado nos seus lábios poucas, mas valiosas promessas.

Enquanto martela, sobre a mesa, uma colherzinha com alguns cristais de açúcar, toma pequenos goles de café como se pudesse atrasar um pouco as horas que caval-

gam nos relógios. É que a sensação de tê-la ao lado, de certa forma, constrói uma bolha que o isola do mundo.

Demora-se no banho. Olha o rosto no espelho e vê o vulto dos medos, comum aos que amam passar ligeiro entre suas costas e a parede. Tentando distrair a solidão, convence a si mesmo que não deve fazer barulho algum. Ela ainda está entre os lençóis. É o cheiro.

Pelas ruas já cheias de tantas agonias, ele sente algumas gotas de suor brotar na testa. Trânsito. Do lado de dentro do carro, um velho tango, tocado certamente por um bêbado que conhece com profundidade os segredos da saudade.

Entre as anotações do dia, um lembrete de que deve perguntar a alguma amiga se ele tem andado mais elegante. Não sabe por que, mas tem a impressão de que homens com saudade andam de forma mais refinada, pelos cantos, pelos lados.

A rotina tem sido graciosamente quebrada pela coleção de pequenas coisinhas e papelotes que ele guarda ao longo do dia, sejam nos bolsos ou na memória, para espalhar sobre a cama e mostrar tudo de mais interessante que ele viu e o fez lembrar dela.

Ela se foi, afirmando que era por pouco tempo, e que eles seriam fortes o bastante e piegas além do necessário para não deixar que tanto desejo arrefecesse. Tudo voltaria de onde haviam parado. Porque o amor, explicou ela, é como um improviso de Miles Davis.

No fim de cada dia, quando ele sente o peso do mundo inteiro sobre os ombros, prefere chegar em casa e tatear até a cama, sem acender uma luz sequer. Por horas, e horas, e horas descansando a alma no silêncio.

Abre as janelas. Escora as cortinas. Fora as luzes dos postes ao longe, só a chama do cigarro, acompanhado pela nobreza popular de um velho destilado.

Adormece calmo, sem notar o tempo esvaindo. Não desfalece. Da sua janela, ele vê mais que ruas. Vê um cais. E por ser todo cais a porta para um mar de saudade, deixa que o cheiro dela, ainda nos lençóis, ancore entre suas pernas e faça dos dias um mero punhado de areia. Ela vem.

Ela acha que ele deveria ser mais agradável e não tão pessimista. Explica, com frases compassadas enquanto põe o *soutien*, que isso traria ótimos dividendos nas suas relações pessoais.

Calado, ele ouve tudo. Dispensa pouca atenção ao assunto. Prefere, com ajuda dos maltes escoceses, relemburar as cores dos filmes de Almodóvar e das suas personagens tão volúveis.

Mais uma vez, chega ao fim do dia com a certeza de que todas aquelas utopiazinhas que ele quis jogar fora na juventude, hoje, o salvam de ser suplantado pela mesmice dos amores possíveis e tediosos.

Ela segue atropelando palavras e gestos sem entender o vazio pra onde apontam os olhos dele.

Ao que ele desperta ensandecido e cai a seus pés, morrendo de rir com vergonha de dizer que, apesar de tudo, ela é o que o move hoje. Os detalhes já estão todos marcados no coração de cada um.

E ela, tão dona de si, hoje não sabe onde por a cara quando chora escutando ao pé do rádio um desses sambões que a Elza Soares vive cantando. *Sui generis*.

Ele fechou os olhos cansados e, só depois de pôr os pés na quase metade da sala, percebeu o corpo dela estendido sobre a colcha de retalhos do sofá. Pensou que, naquele exato momento, a colcha seria uma espécie de auto-retrato.

Ela acorda aos poucos, com os olhos escondidos por detrás dos cabelos curtos e despenteados, e estende os braços com os punhos rendidos pedindo um abraço de saudade.

E como se fosse o nó na garganta um imenso muro que precisa ser escalado até que se veja o outro lado do rio,

ele a abraça sem força suficiente para dizer todas as verdades que, há dias, atormentam seu espírito.

Por ser mulher e sentir no espaço entre o piscar dos olhos tudo que se passa no seu coração, ela apenas diz que o ama e põe o rosto dele, ainda frio da rua, entre seus seios quentes. Porque o amor exige que a cada dia sejam sepultadas verdades, até que o tempo faça delas a nossa própria cova.

Acordei.

Deitado na areia. Tentando proteger a cara dos pingos grossos da chuva. Rua. Barulho de rua. Pessoas. Carros. Buzinas. Gritos. Eu.

Meus sapatos. Meus óculos. Levantando devagar. As chaves, os documentos, uma foto 3x4. Todos os objetos intactos.

Oco. No peito. Oco. Meu coração furtado.

Ele gosta de vê-la chegar em casa um pouco bêbada, equilibrando-se nos saltos-agulha e gaguejando explicações. Ela tem uma desordem nos cabelos e nos pensamentos que produzem uma espécie de encanto aos olhos dele.

Uma menina ainda. Rindo de bobagens que vê na TV. Gosta de Vinicius de Moraes porque Vinicius é romântico e entende as mulheres. Diz que já fez amor escutando *Everybody wants to rule the world* e achou o máximo.

Ela adormece no sofá, enquanto ele vara a madrugada escrevendo contos metidos a cult, que fazem a alegria

de todos os seus amigos descolados. Vez por outra, ele acaricia seus cabelos ainda molhados.

Seguem no caminho dos amores complicados, mas nem por isso, pouco intensos. Ele odeia quando ela deixa cair cabelos no meio da casa. Ela dá de costas e concentra a atenção num copo de leite gelado.

Não entendem bem as diferenças entre si. Mas, por enquanto, só se preocupam em manter a admiração mútua. Ele gosta de acordar ao lado dela e por um disco de Sinatra até que ela acorde sorrindo. Ela adora.

Ele pediu encarecida e sufocadamente e usando palavras formais para que ela não partisse e tentasse mais uma vez sentir o perfume da felicidade que exalava do seu sorriso. Ela deu de costas e se foi. Deixando “as malas no fusca lá fora”.

Levou com ela todos esses sonhos miúdos que a gente faz, mesmo sabendo que no fim das contas a vida vai fazer tudo diferente. Mas a gente insiste. Levou o calor das pernas que o faziam tremer de tanto prazer.

Levou todas as certezas que ele nunca sabia como pôr no papel. Deixou, em cada disco de Sérgio Sampaio, uma imagem sua, dançando entorpecida de vinho pela sala.

O que mais a encantava nele era seu cheiro de tango. O sabor forte de cada beijo prometido nas inúmeras cartas que chegavam semana após semana.

Ele, que sempre odiou coisas perfeitas, fechava os olhos pra sentir um pouco de calma como se pudesse repousar entre suas coxas.

Por causa do seu desamor aos relógios, passou a dividir o dia em impressões do que era a vida com ela ainda longe e as relações que fazia entre seus olhos e as telas de Toulouse-Lautrec.

O mundo parecia findar-se lá fora, quando ele a imaginava atravessando o quarto descalça, ainda molhada do

banho, e encostando-se na janela pra sentir o vento frio passear por sua nuca.

Ela, que se diz uma pequena obra de ficção, a cada barulho desses relógios mecânicos que se põe sobre um criado-mudo, consegue tornar-se uma paixão real no coração dele.

Não sabem ainda quando poderão se ver, mas acreditam que, caso ela consiga desmarcar seu casamento até a semana que vem, ela poderá dizer, com todas as letras do nome dele, o motivo de tanta rebeldia. *Waking life*.

Ele não gosta de barulho. A não ser dos seus próprios discos e do ruído charmoso da agulha sobre os bolachões de cera. A única coisa da qual se sente dono é do seu espírito inquieto. Odeia a previsibilidade dos fatos e isso o faz ser amargo.

E como é a vida uma constante busca por respostas que se encaixem em nossas lacunas, sua solidão tem sido aplacada pela placidez do peito de uma moça. É no seu colo palidamente aconchegante que encontra descanso.

E ele, acostumado a dividir os dias em prateleiras e livros em ordem alfabética, assiste sem reação ao seu rosto sendo tomado de um prazer pouco antes sentido.

Confessa que se assustou com tanta serenidade, no entanto, aprendeu a sorver o paladar agradável e o cheiro suave que só os maduros possuem.

Não lembra a última vez que sentiu seu estômago dolorido de ansiedade, mas volta e meia, por causa dela, um medo bom de quem percebe o amor chegando toma posse do seu corpo. E ele segue adiante.

Hoje, eu me dei conta de que preciso me desfazer de você. É estranho. Mas eu preciso. A sensação é de estar fechando uma janela. Uma janela por onde eu pude te ver sempre. Do lado de fora.

O melhor de tudo é saber que seu sorriso vale cada fonema, cada poema e frase curta que eu te escrevi. Em todo esse tempo, eu não tive tempo de não ser eu. Despi-me de medo e pudor quando decidi falar tudo. E mais que isso: olhar fixo nos seus olhos.

Tomei tantos porres quanto são as letras do seu nome. Entorpecimei-me outras tantas vezes pra aliviar a pressão de não te ter. Por sorte, meus fantasmas nunca me deixa-

ram. Torquato Neto de um lado, gritando “go back!”, enquanto Wally insistia que a mente é uma câmara de ecos. Mas o único eco que se propagava era seu rosto.

E no meio de tantos livros, discos, shows, drogas e fotos suas, eu coleí na minha estante um *post-it* gigante, com a frase que eu achei melhor: “Passa. Na vida tudo passa. Mas nem tudo que passa, a gente esquece”.

Tarde de domingo. Como devem ser todas as tardes de domingo. Enfadonhas, cansativas, chatas, solitárias, preguiçosas. Televisão sem volume. Jornais espalhados pela sala e eu me afogando nos vícios ilícitos, enquanto recordo todas as promessas que te fiz e consegui descumprir, uma a uma.

Eu acredito em muitas coisas, duvido de outras tantas. Mas o que eu quero mesmo é você aqui. Com todos os meus e seus equívocos e seu corpo nu e sem compromisso, perambulando os olhos na estante a procura daquele livro de sonetos camonianos. Sabe o que me incomoda de verdade, além das xícaras sujas? A ausência do cheiro, da sua mania de reclamar de detalhes insignificantes.

Eu procuro todos os dias uma maneira de esquecer as coisas que eu soube existirem só depois que você se foi. Essas tardes de domingo, a coisa desagradável que é comer sozinho, não ter alguém pra me encher o saco enquanto encho a cara e ter que dormir no hall porque não consigo abrir a porta de tão bêbado. Você não sabe a agonia de querer fazer uma coisa sem saber o que é e, horas mais tarde, perceber que era te ver.

Eu odeio a palavra “circunstância” porque foi nela que eu deixar escapar sua alma de minhas mãos. E agora tenho que voltar a ser louco. Não tenho paciência pra esperar que tudo isso que eu sinto suma do dia pra noite. O que eu faço com esses discos do Pixies?

Sem uma lágrima sequer, ela pediu que ele partisse e levasse todos aqueles cartazes horríveis que havia suportado no seu quarto para não magoá-lo.

Ele, aterrorizado com a cena, ajeita os óculos de lentes grossas e se perde com palavras que agora só saem pela metade. As mãos trêmulas mal conseguem pegar um a um os cartazes e girar a fechadura da porta, partindo.

Amarra os cadarços do sapato na calçada, deixando o que levava, numa daquelas caixas vazadas de metal, que guardam os lixos nas ruas.

Sabe que vai sentir saudades do corpo dela e das horas em que explorava, com os dedos, cada detalhe quente

e molhado do seu sexo. Mas não encontra razões para desespero.

Ela vai continuar sem entender a magia dos versos de Ginsberg. Não deixa de ser um consolo.

volúveis

Interes
santíssimo
o cruzar
de suas pernas.

BONUS TRACK

Assim como a cidade durante a madrugada. Reta. Macia. Vazia. Com dois ou três percalços que eu gosto de sentir na ponta dos dedos. Áspero. Doce. Ralo. Cravo da Índia. No cheiro e no gosto. Arde e eu curo o ardor mastigando mais. Você.

Há uma agradável simbiose entre seus lábios e o resto do corpo quando te faço cócegas. É bom de ver. E ficar calado e responder com os olhos quando você pergunta por que eu gosto dos seus dentes.

Não é bem o branco que me atrai. Prefiro as marcas, que até lembram essas que os lençóis fazem nos nossos corpos ao longo da noite. Prefiro o olhar que vaga entre o lascivo e o pueril que se segue a essas marcas.

Não. Não me cansa. Com você, a exaustão chega a me escapar. Escadaria de azulejos portugueses, nobres. Retalho de fina seda. Gosto guardado na língua. Texturas repetidas por voltas dos dedos.

Não é mais madrugada. Durmamos.

Um charme. Se fosse gosto e cheiro, seria laranja-cravo. Madura. Pra não amargar no fim. Mas é você, desconfio que bêbada, escondendo um sorriso. E algo mais. É que seus cabelos curtos e molhados, propositalmente postos sobre o rosto não me deixam ter certeza se também morde o lábio.

Não faz tempo, eu quase deixei derramar, no asfalto marcado pelas luzes alaranjadas de mercúrio, a ansiedade de te encontrar justamente assim. Leve, lasciva, mordiscando a própria carne. Com reticências e tudo no final...

Como se a urgência de te ver fosse dona de uma forma exata, um estado, e pudesse fugir das minhas mãos,

exalando pela cidade o cheiro que me desarma e você sabe onde guardá-lo.

Lúdica. Uma menina ainda. Brincando. Experimentando sensações. Uma cor pra cada uma. Um gosto pra cada gesto. Rasgando em pedacinhos miúdos as memórias de quem baldeou tempos e tempos, impaciente com os caprichos do acaso.

O mesmo acaso que te fez pousar aqui. Com asas doces, braços-ninho confortáveis, quentes, quase maternos.

E vão caindo, uma a uma as coisas que te cobrem. Silêncio. Umas poucas garrafas num canto da sala. Gosta? Sempre. Sempre não é medida. Sempre dispensa medidas. Bobo. Guarda os óculos, faz favor.

... algo mais que é seu deve permanecer até que a poeira do tempo deixe que sua camada fina vá recobrando tudo, como se fossem apenas móveis incômodos.

Algo mais além de você passeando pela casa com uma blusa velha do Clash pra lembrar que ainda “há caos correndo em suas veias” ou pisando manso até chegar ao quarto, com um sorriso travesso nos lábios, pra avisar que deixou o macarrão tempo demais no fogo ou...

Ainda não sei o que fazer com o amontoado de horas densas, que sobrou ao seprarmos todas as nossas coisas.

As poucas roupas dentro da mala estacionada no corredor não me convencem de que devo aceitar com natura-

lidade os futuros telefonemas rápidos, avisando que no fim da tarde você passa aqui pra pegar umas coisas que esqueceu.

De repente, eu fui tomando como meus uns livros e filmes que só hoje descobri seus. Colados aos meus na estante, cúmplices. Veja onde estamos: repartindo, reorganizando, decompondo e toda sorte de gerúndios afeitos à impiedade da razão.

Deixa tua xícara. Nada custa. Leva o que for preciso. Deixa o que não for doer. Mas as músicas são minhas. Todas elas. Tudo que um dia a gente anotou num guardanapo velho e que demos o nome de “audiografia de nossas vidas”.

É somente isto que ficará quando as horas acalmarem: as músicas. Como luzes que sinalizam uma arriscada rodovia.

- Um ano...
- Posso por adoçante no seu café?
- Não, eu odeio adoçante, você sabe. Cheiro bom o desse bolo. Você que fez?
- Sim. Mas, voltando... um ano... é pouco tempo não acha?
- Nunca.
- Parece que foi um dia desses... era carnaval...
- O tempo da gente é diferente, não se conta com segundos nem ponteiros. Nosso tempo a gente conta pelo que nos prometemos.
- E isso é quanto?
- Não é quanto. É como. São quais.

- Bobo.
- Sériio.
- Me diz uma...
- De ficarmos juntos, até que nossas xícaras brancas de nobre porcelana amarelem por causa do café de todos os dias, no fim da tarde.
- Ah, e que a asa da xícara se rompa de tão velha!
- Mas assim você vai queimar seus dedos!
- E não é assim mesmo? Metade um leve desespero de ter que segurar com a ponta dos dedos e queimar a língua. A outra metade é cheiro, gosto e marca do café na nossa boca. Somos assim. Nós dois. Frágeis e irresistíveis.
- ...
- Era carnaval... cidade vazia. Por alguns instantes, naqueles dias, eu achei que não iria dar certo. Que era tudo por enquanto, talvez e quem sabe. De carnaval. Mas foi...
- ... foi você. Nos seis dias de folia silenciosa. Com tudo de mais amargo e doce, de uma só vez. Foi a gente renascendo com xícaras, promessas, café e gosto, assim que amanheceu a quarta-feira de Cinzas.
- Fênix?
- Amor é isso. É assim.
- Isso quer dizer que podemos comprar xícaras novas quando a asa dessas quebrarem!
- Era carnaval...

Depois ficamos nós. Dividindo uns poucos goles de café e umas fatias de bolo de laranja. Com a mão mesmo, pra esfregar os dedos levemente e deixar os farelos caírem na toalha da mesa. Entre um silêncio e outro, ainda medo. Depois do medo o cais. Em forma de suas coxas. Navego. Até adormecermos ali. Entre a sala e a cozinha. No chão. Em plena quarta-feira de Cinzas.

MANIFESTO

Jovens
escribas

Todo mundo quer mudar o mundo e todo mundo desiste antes de conseguir. Inocência achar que conosco será diferente. Mas transformaremos a frustração de desistir em letras, edificando não muros, mas pichações libertárias nos muros já edificadas, cada vírgula sendo um alfinete que cutuca quem se acomodou. Somos Jovens Escribas. E isto é ser um tanto mais que jovem e um pouco menos que escriba. É diversificar. É desmistificar. É procurar: o novo, o velho, o requeimado, o plagiado, o sublime e, acima de tudo, o nosso. Busquemos todos nós, jovens escribas, o que realmente é nosso.

Não vamos empunhar penas e morrer de tuberculose. Não vamos buscar uma arte cem por cento nacional. Não vamos ter museus com nossos nomes. Não vamos nos limitar a transgredir. Vamos digitar, formatar,

editar, enviar com cópia oculta e, acima de tudo, vamos IMPRIMIR! Ctrl+P é nosso grito de guerra.

O mundo já mudou, mesmo diante de nossas desistências. E precisa de gente pra continuar mudando. Se não formos nós, serão outros. Então, aceitemos todos o fardo de ver através e conseguir passar isto para o papel. Que sejamos nós a mudar o mundo: os detratores, os individualistas, os pequeno-burgueses despolitizados; mas também: os empreendedores, os coletivos, os grandes herdeiros do legado que ninguém quer mais pra si: ser escriba. Sim, seremos jovens para sempre. Imortalizaremos nossa pele imberbe na coragem de postar o digitado (outrora publicar o manuscrito). Vamos mexer no que está quieto e inquietar o já mexido. E para isso, nos utilizaremos da mais perigosa arma jamais concebida: a palavra!

Há um mundo implorando por mais algumas insignificantes mudanças. Desistiremos de mudá-lo. Mas até lá, que tentemos. E já que vamos tentar, que comecemos por você.

Na próxima página você vai se deparar com mais um jovem escriba ansioso por frequentar prateleiras, bibliotecas e imaginações.

Saúde. Obrigada. Papo vai. Papo vem. Conheceram-se numa tarde de quinta-feira, entre o 8º e o 9º andar de um edifício da cidade. Dentista. Depilação. A gente se vê. Viram-se. E ao final de poucas semanas, beijavam-se e tocavam-se onde podiam. E onde não podiam também. A urgência de amar era tanta que não perceberam o guardinha batendo no vidro enfumaçado do carro, numa praça pública sob o luar. O guarda, entre envergonhado e curioso, afastou-se um pouco e ficou assistindo ao espetáculo. Durante a distração, um rapaz mal-aparentado aproximou-se sorrateiramente, puxou-lhe a arma e pulou para trás. Paradinho, aí, ô pêpa! Se tem amor à vida, é melhor não gemer. Mas o gemido que se ouviu foi

outro. Ambos olharam para o carro. Êita! Mas que porra é essa que esses dois andam fazendo aí dentro? O guardinha sacudiu os ombros e não soube emitir palavra. O ladrão, recostando-se na lixeira ao lado e cruzando os braços, com a arma numa das mãos, ria-se todo. O outro assistia à cena imóvel e com as mãos para o alto. Relaxa aí, pêpa. Cê tá muito tenso – disse, tirando do bolso e entregando ao guarda um cigarro. Aproveita o show aê, ó. Os olhos do ladrão cintilavam de entusiasmo. Os do guarda, incrédulos, revezavam entre o cigarro, o ladrão, a arma na mão do ladrão e o carro que balançava. O ladrão tirou outro cigarro para si. Ao acendê-lo com um isqueiro, deu uma olhadela para o lado e percebeu o colega perplexo, com o cigarro apagado na mão: Ops, foi mal, aê. E gentilmente acendeu o cigarro do colega. Enquanto o opala-78-azul-metálico sacudia, o ladrão filosofava entre uma e outra tragada. Já tive um opala assim. Verde besouro. Lindão. O bicho voava que faltava sair do chão. Cê já teve um opala, pêpa? O guarda, calado, sacudiu a cabeça lentamente em sinal negativo. Devia ter. É um carro muito bom. Se bem que hoje ninguém quer carro velho. Quase não recebo mais pedido de opala. Os caras agora só querem Volkswagen. Gol. Gol e Golf sai prá carái. O guardinha, mais habituado às vicissitudes de uma noite insólita, diz timidamente: eu tive um Gol. Modelo antigo. Roubaram. O outro rebate:

aposto que era GTI; GTI a gente rouba mesmo. Ô, pêpa, cê tem que por tranca-carneiro! Mas põe aquela que tem a chave codificada, porque a tetra-chave é a maior moleza prá copiar. Os gemidos intensificaram dentro do carro enfumaçado. Ihh, olha lá, pêpa, vai ser agora! Na calçada, os dois tragavam os cigarros compulsivamente até que o opala parou de balançar. Fez-se o silêncio, esparsamente quebrado por sons dos grilos. Então o ladrão começou a bater palmas e a gritar: parou, por quê? Por que parou? O casal levantou-se assustado. Uma mão limpou um dos vidros. O motorista finalmente percebeu que estavam sendo observados e rapidamente arrancou o carro. O ladrão admirava o veículo desaparecer no final da rua. Opala-78! Olha que arranque! Não sei por que fui vender o meu! Finalmente, saído do estado contemplativo, despediu-se do guarda: Aê pêpa, vou ficar com o seu trabuco. Trabalho divertido esse seu... Te cuida e ó: tranca-carneiro!

Pilar Fazito

Este livro foi composto na fonte
Georgia, 9/14 e XBAND Rough,
17/17, impresso em papel Pólen
Bold 90g, na Gráfica XXXXXXXXX
XXXXXXXXXX, à rua XXXXXXXXX
XXXXXXXXXX, 000, XXXXXXXXX
XXXXXXXXXX,
no mês de setembro de 2006.